UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ITANA VIRGINIA SOUZA CRUZ

INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS NA MÍDIA DIGITAL:
Um estudo discursivo sobre a constituição do sujeito da Gramatização Brasileira Contemporânea

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2017

ITANA VIRGINIA SOUZA CRUZ

INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS NA MÍDIA DIGITAL:
Um estudo discursivo sobre a constituição do sujeito da Gramatização Brasileira Contemporânea

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Aloísio de Campos, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, na de área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Wilton James Bernardo-Santos

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C957i

Cruz, Itana Virginia Souza

Instrumentos linguísticos na mídia digital : um estudo discursivo sobre a constituição do sujeito na gramatização brasileira contemporânea / Itana Virginia Souza Cruz ; orientador Wilton James Bernardo-Santos.– São Cristóvão, SE, 2017.

77 f.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Análise do discurso. 2. Língua portuguesa - Gramaticalização. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 4. Mídia digital. I. Bernardo-Santos, Wilton James, orient. II. Título.

CDU 81’42

Ao meu amado avô Paulino Virgínio (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e da fé, pela força que me move todos os dias.

Aos meus pais, Jonas e Naide, e a minha irmã Natália pelo amor incondicional. Em especial, agradeço a minha mãe que sempre acreditou no meu potencial e lutou as minhas batalhas junto comigo. Amo vocês!

Aos meus avós, Josefa Virgínia e Paulino Virgínio (*in memoriam*), pelo amor e cuidado, por serem um exemplo em minha vida.

A minha família, especialmente, tia Josefina (minha segunda mãe) por tornar possível a minha realização pessoal e profissional.

A minha madrinha Márcia Alves que apoiou e acompanhou toda minha jornada.

Aos meus amigos queridos: Érica Fernanda, Karla Daiane, Daniela Maria, Júnior Santana, Mateus Andrade, Deborah Leal, Edilamara Peixoto, Priscila Rodrigues, Nide Virgínia e Rosana Andrade pela amizade, pelo companheirismo e pela reciprocidade. Vocês são essênciais em minha vida!

Ao meu amigo Marcos Paulo, pela amizade, pela imensa generosidade e pelo apoio em diversos momentos. Você fez parte dessa jornada e a tornou muito mais feliz.

Ao Prof. Dr. Wilton James, pela orientação, desde a iniciação científica até o presente momento, muito obrigada pelo aprendizado.

Aos professores da Graduação e do Mestrado, a Prof.ª Maria Emília Barreto, Prof. José Mário Aleluia, Prof. Fabio Tfouni e a Prof.ª Cleide Emília Pedrosa que contribuíram bastante para minha formação acadêmica.

A todos muito obrigada!

Tudo dança hospedado numa casa em mudança.

Paulo Leminski

RESUMO

À luz da Análise de Discurso de tradição francesa (AD), o trabalho investiga a constituição do sujeito da gramatização brasileira na mídia digital contemporânea. Como *corpus*, foram escolhidos sinopses e *releases* extraídos de sites de editoras de gramáticas de Língua Portuguesa (LP), ou de livrarias que as comercializam. Esses textos questionam o papel da gramática no ensino de língua e defendem uma inovação no campo gramatical, ou seja, são parte de Formações Discursivas (FD) do processo histórico de gramatização, tendo como marco a instituição da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB, 1959) e as novas propostas de ensino vinculadas à Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) e aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997). Além disso, os textos são atravessados por discursos mercadológico e midiático, com vistas à venda dos produtos/gramáticas, e marcados por Formações Imaginárias (FIm), isto é, imagens produzidas pelo sujeito enunciador acerca de sua posição nesse mercado, da posição do sujeito leitor, seu consumidor potencial, e do produto oferecido a este último. Há, ainda, as antecipações acerca das imagens que o leitor produzirá a partir da oferta. Para os procedimentos teórico-metodológicos básicos, aportamos os expedientes nos trabalhos de M. Pêcheux (1990; 1997a; 1997b; 2012); E. Orlandi (2000; 2007; 2012), E. Guimarães (1996; 2002), S. Auroux (1992; 1998), S. Possenti (1996), entre outros. Como gestos analíticos, lidamos com o objeto em dimensões propostas pelo Quadro de Referências para Análise – QRA (BERNARDO-SANTOS, 2014). O primeiro gesto é a descrição das especificidades do documento, isto é, o âmbito de circulação, o lugar/posição sujeito da enunciação, no caso, a mídia. Em seguida, delineamos o cenário político-social predominante no momento histórico da gramatização brasileira e o processo de constituição discursiva do sujeito em análise, atentando para os entrecruzamentos de discursividades e os efeitos de sentido nos documentos selecionados. As análises apontam para divisões como tradicional x inovador e gramáticos x linguistas.

Palavras-Chave: Gramatização brasileira; Análise de Discurso; Mídia; Ensino.

ABSTRACT

According the Discourse Analysis of French tradition (AD), the work investigates the constitution of the subject of Brazilian grammar in contemporary digital media. As corpus, synopses and releases were selected from sites of Portuguese language grammar publishers (LP), or bookstores that commercialize them. These texts question the role of grammar in the teaching of language and defend an innovation in the grammatical field, that is, they are part of Discourse Formations (FD) of the historical process of grammar, having as a frame the institution of the Brazilian Grammatical Nomenclature (NGB, 1959) and new teaching proposals linked to the Guidelines and Bases Law (LDB, 1996) and National Curricular Parameters (PCN, 1997). In addition, the texts are crossed by marketing speeches and media speeches, aimed at the sale of products / grammars, and marked by Imaginary Formations (FIm), that is, images produced by the subject enunciator about his position in that market, the position of the reader subject, his potential consumer, and the product offered to the latter. As well as the anticipations about the images that the reader will produce from the offer. For the basic theoretical-methodological procedures, the theoretical records in the works of M. Pêcheux (1990; 1997a; 1997b; 2012); E. Orlandi (2000; 2007; 2012), E. Guimarães (1996; 2002), S. Auroux (1992; 1998), S. Possenti (1996), among others were used. As analytical gestures, we deal with the object in dimensions, proposed by the Reference Framework for Analysis - QRA (BERNARDO-SANTOS, 2014). The first gesture is the description of the specificities of the document, ie the scope of circulation, the place / position subject of enunciation, in this case, the media. Next, we outline the predominant political-social scenario in the historical moment of Brazilian grammar and the process of discursive constitution of the subject under analysis, paying attention to the intersections of discursiveness and the effects of meaning in the selected documents. The analyzes point to divisions, traditional x innovative and grammatical x linguists.

Keywords: Brazilian Grammarization; Discourse Analysis; Media; Teaching.

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise do Discurso de tradição francesa
CP	Condição(ões) de Produção
DP	Discurso Pedagógico
FD	Formação(ões) Discursiva(s)
FI	Formação(ões) Ideológica(s)
FIm	Formação(ões) Imaginária(s)
LDB	Lei de Diretrizes e Bases (1996)
LP	Língua Portuguesa
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959)
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais (1997)
QDGB	Quadro de documentação da gramatização brasileira
QRA	Quadro de Referências para Análise
SD	Sequência(s) Discursiva(s)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I - ANÁLISE DE DISCURSO: ONDE LÍNGUA, HISTÓRIA, IDEOLOGIA E SUJEITO SE CRUZAM 13

1.1 Sujeito, ideologia e interdiscurso 15

1.2 Acontecimentos históricos no campo metalinguístico 18

CAPÍTULO II – METODOLOGIA 20

2.1 Procedimentos analíticos preliminares 20

2.1.1 O arquivo 20

2.2 Procedimentos analíticos específicos 22

2.2.1 O documento 22

2.2.2 História 24

2.2.3 Discurso 25

CAPÍTULO III - "ESTILO-REVELAÇÃO": GRAMÁTICO *VERSUS* LINGUISTA .. 26

3.1 Sinopses de gramáticas da Língua Portuguesa 27

3.2 *Releases* sobre gramáticas da Língua Portuguesa 44

CONSIDERAÇÕES FINAIS 52

REFERÊNCIAS 55

ANEXOS 57

ANEXO I – QUADRO DE REFERÊNCIAS PARA ANÁLISE (QRA) 58

ANEXO II – QUADRO DE DOCUMENTAÇÃO DA GRAMATIZAÇÃO BRASILEIRA (QDGB) 61

ANEXO III – SINOPSE DE PORTUGUÊS E GRAMÁTICA: ERROS NUNCA MAIS 63

ANEXO IV– SINOPSE DA SUMA GRAMATICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA 64

ANEXO V– SINOPSE DE SABER PORTUGUÊS HOJE : GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA PORTUGUESA 65

ANEXO VI– SINOPSE DE GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DO PORTUGUÊS: COM A PALAVRA, OS AUTORES 66

ANEXO VII– SINOPSE DE DÚVIDAS EM PORTUGUÊS NUNCA MAIS..... 68

ANEXO VIII– SINOPSE DE A ARTE DE MANDAR EM PORTUGUÊS 69

ANEXO IX– SINOPSE DE PORTUGUÊS BÁSICO E ESSENCIAL 70

ANEXO X– SINOPSE DA GRAMÁTICA MÍNIMA PARA O DOMÍNIO DA LÍNGUA PADRÃO 71

ANEXO XI– SINOPSE DE PARA UMA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS..... 72

ANEXO XII– SINOPSE DA NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO 73

ANEXO XIII – *RELEASE*: NOTÍCIAS DA UFMG PROFESSOR LANÇA SEGUNDA EDIÇÃO DO LIVRO 'GRAMÁTICA NUNCA MAIS' 75

ANEXO XIV – *RELEASE* DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO 77

INTRODUÇÃO

Está sempre em questão, em textos da mídia contemporânea, o papel da gramática normativa no ensino de Língua Portuguesa (LP), esses debates ganharam maior ênfase com a instituição da Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959 (NGB), a republicação de algumas gramáticas no entorno desse período e outras lançadas recentemente. Considerando o modo específico de tratar a história enquanto acontecimento, nos interessam as questões institucionais das políticas públicas. Nossa proposta, então, foi pensar os instrumentos linguísticos (mais especificamente, gramáticas ou instrumentos que funcionam como tal) na redemocratização, sobretudo, com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), enfim, das propostas do "novo ensino". Nesse percurso, analisamos a constituição do sujeito da gramatização brasileira em textos midiáticos, a saber: sinopses e *releases* sobre gramáticas, apresentados em sites de editoras ou de livrarias que as comercializam, pensando os discursos propostos nesse lugar ideológico que é a mídia, um lugar de interpretação e que "funciona pelo 'ibope', que se rege pelo predomínio da audiência" (ORLANDI, 2007, p. 16). Além disso, atentando para os atravessamentos do discurso mercadológico, que propõe a facilidade, a inovação, enfim, a novidade. E também estão afetados pelo discurso pedagógico (DP), no qual o papel do professor no ensino é hierarquizado, isto é, o professor é detentor do poder e cabe a ele "corrigir" o que é errado ou não dentro desse contexto (ORLANDI, 1996).

Tendo em vista essas questões, a pesquisa tem por objetivo geral: analisar a constituição do sujeito da gramatização brasileira em textos midiáticos, pensando a relação com o ensino. De modo específico, visa investigar as especificidades do papel da gramática no discurso midiático; bem como refletir sobre o processo de redemocratização brasileira na formação do sujeito gramatical; e compreender como o debate gramático/tradicional vs. linguista/ inovador, e o entrecruzamento dessas posições, afetam o ensino contemporâneo. Nesse sentido, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de pensarmos o ensino de LP diante do percurso histórico (NGB, redemocratização), além de investigar a divulgação dos instrumentos linguísticos na mídia e a forma como eles são apresentados no âmbito educacional.

Nossa hipótese é de que há uma divisão própria no campo da gramática e essas concepções aparecem no texto marcadas pelas posições-sujeito também divididas. Em vista disso, essas questões têm mostrando que há a necessidade de três compreensões. A primeira, é

entender: como é constituído o sujeito da gramatização brasileira numa perspectiva histórico-discursiva? A segunda: como a mídia digital significa o sujeito do saber metalinguístico? E, por fim, como essas discussões refletem o ensino de língua contemporâneo?

Para impetrar a proposta estruturamos o presente trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, *Análise de Discurso: onde língua, história, ideologia e sujeito se cruzam*, apresentamos a leitura bibliográfica das teorias que embasaram a nossa pesquisa. A abordagem proposta é possível a partir do percurso histórico e conceitual da AD, sobretudo, as reflexões de Michel Pêcheux (1990; 1997a; 1997b; 2012) e Eni Orlandi (2000; 2007; 2012), com um modelo teórico-metodológico que expõe o leitor à opacidade do texto, possibilitando perceber as produções de sentido realizadas pelo sujeito inscrito em uma materialidade histórica que se dá a partir das práticas linguísticas, mas que requer uma relação intrínseca com que está para além do âmbito frasal (ORLANDI, 2000; 2012). Além de apresentar um quadro histórico da gramatização brasileira (GUIMARÃES, 1996), no qual, muitos instrumentos linguísticos trazem relações de sentido que entrecruzam o processo histórico que vem do entorno da NGB/1959 e é atualizado no cenário político-social da redemocratização da educação no Brasil.

No segundo capítulo, *Metodologia*, descrevemos os procedimentos teórico-analíticos para a feitura do trabalho. Assim, para a composição do arquivo, compilamos uma lista mínima de 141 textos midiáticos sobre os instrumentos linguísticos, dos quais foram analisadas 10 sinopses e 2 *releases*. Esses textos fazem parte Quadro de Documentação da Gramatização Brasileira (QDGB), elaborado no âmbito do projeto *GRAMATIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: um estudo enunciativo sobre a constituição do sujeito na história das gramáticas do entorno da Nomenclatura Gramatical Brasileira/NGB-1959*, desenvolvido na Universidade federal de Sergipe (UFS), sob orientação do Prof. Dr. Wilton James Bernardo dos Santos.

Como primeiros gestos analíticos, lidamos com as especificidades do objeto. Para isso, contamos com o Quadro de Referências para Análises (QRA) (BERNARDO-SANTOS, 2014) analisando as seguintes CP: a) Documento - as especificidades do artefato, considerando a materialidade empírica e descrição de traços gerais e específicos da peça; b) História – a noção de gramatização (AUROUX, 1992, 1998); quadro cronológico e de acontecimentos (GUIMARÃES, 1996) atualizando-o para a redemocratização, e a instituição dos documentos oficiais (Nova LDB, PCN). E os efeitos próprios da instrumentação; a noção de história pensada a partir da relação estrutura/acontecimento (PÊCHEUX, 2012); c) Discurso – a análise propriamente dita, as categorias da AD: a Formação Discursiva, o

Interdiscurso; a materialidade da linguagem e do discurso; constituição do sujeito e as posições construídas: o gramático, o linguista/cientista, o estudioso, o pesquisador, o professor, o aluno etc.

Por fim, no terceiro capítulo, *"Estilo-Revelação": Gramático versus Linguista*, apresentamos as análises propriamente ditas. A partir das quais pudemos constatar questões relevantes ao ensino de LP que é pensado a partir da gramática. Assim, o papel do gramático que, a princípio, deveria "ensinar a ler e escrever" (gramática como prática pedagógica), passa para uma concepção de gramática como "sistema de linguagem" (GUIMARÃES, 1996), tendo em vista as novas diretrizes oficiais de ensino (Nova LDB, PCN) alicerçadas, sobretudo, em teorias linguísticas. Essas tensões histórico-discursivas resultaram em um processo de constante reestruturação das noções do ensino, o "para que ensinar gramática" tornou-se constante no decorrer das últimas décadas no país.

Como a linguagem é opaca, incompleta e sujeita ao equívoco e ao esquecimento, o dizer está intrinsecamente ligado ao não-dizer, ao retomado, ao esquecido. Assim, o sujeito enunciador ao mesmo tempo em que opera as novas concepções gramaticais, também retoma aquelas que foram oficialmente "superadas", ou seja, o discurso que procura alinhar-se às diretrizes oficiais para o ensino de LP, afetado pela Linguística (menos gramático e mais linguista), mas ao mesmo tempo falha e é atravessado pelo outro dizer, da tradição gramatical (mais gramático e menos linguista). Essa divisão pode ser verificada, sobretudo, a partir da assunção de posições que articulam esses polos discursivamente opostos, afirmando-os (gramático-linguista) ou negando-os conjuntamente (nem gramático, nem linguista). Além disso, consideramos as estruturas próprias do discurso mercadológico, já que os textos (sinopses e *releases*) circulam nesse lugar, com vistas à venda do produto/gramática. Esses resultados estão sistematizados, de forma mais pontual, no **Quadro I** (p. 55).

CAPÍTULO I - ANÁLISE DE DISCURSO: ONDE LÍNGUA, HISTÓRIA, IDEOLOGIA E SUJEITO SE CRUZAM

A AD surgiu na França, no final dos anos 60, pautada, sobretudo, nas reflexões de Michel Pêcheux. É uma ciência multiepistêmica, isto é, um campo teórico que entrecruza, pelo menos, três campos de conhecimento científico: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, principalmente, de tradição saussuriana, althusseriana e lacaniana, respectivamente. Isso porque considera a materialidade da linguagem e da história; e o sujeito descentrado, pois funciona pelo inconsciente e é movido por ideologias que passam por processos de esquecimentos (ORLANDI, 2000).

Pêcheux propunha uma "revolução" nas ciências humanas e sociais, através de um dispositivo de análise forte e capaz de garantir objetividade na leitura, constituição de um sujeito e instituição da linguagem como instrumento da análise (ORLANDI, 2000; 2012). O filósofo francês conduziu a disciplina em suas "três épocas" (PÊCHEUX, 1990): i) AD-1 (1969-1975), etapa da exploração metodológica, da noção de maquinaria discursivo-estrutural "autodeterminada e fechada sobre si mesma", mais vinculada à linguística estruturalista e ao materialismo histórico; ii) AD-2 (1976-1979), o olhar volta-se para o interior da própria teoria; a noção de Formação Discursiva (FD) é, então, introduzida e vai provocar um deslocamento importante, a fase que parte da justaposição dos processos discursivos e chega à tematização de seu entrelaçamento desigual, pela incorporação de questões ligadas à heterogeneidade, ao Outro e ao problema do método; iii) AD-3 (a partir de 1980), período de desconstrução da maquinaria discursiva, e de incorporação mais acentuada de contribuições psicanalíticas e foucaultianas. Nessa fase, há o surgimento de uma "nova" AD que se apresenta como uma disciplina de entremeio, isto é, uma disciplina que se faz na construção da relação entre outras disciplinas; o método é traçado através da sequência: interrogação-negação-desconstrução (ORLANDI, 2007). Com isso, acentua-se o primado do *outro* sobre o *mesmo* e o procedimento por etapas "explode definitivamente". Assim,

> [...] através da desestabilização das garantias sócio-históricas que se supunham assegurar a priori a pertinência teórica e de procedimentos de uma construção empírica do *corpus* [...] através de uma interação cumulativa conjugando a alternância de momentos de análise linguística [...] e de momentos de análise discursiva, [...] produzindo uma sucessão de interpretações do campo analisado. (PÊCHEUX, 1990, p. 315-316)

No que diz respeito à análise, a AD problematiza as maneiras de ler, lida com a desconstrução, com *o dito* e o *não-dito*, expondo o olhar leitor à opacidade do texto, isto é, o

sujeito deve procurar "escutar" a presença do não-dito (presença produzida por uma ausência necessária no que é dito), não pode estar sujeito à linguagem, a seus equívocos. Por isso que é primordial, para AD, a entrada do simbólico, uma vez que estamos comprometidos com os sentidos, com os movimentos dos sentidos, com a necessária interpretação e incessante (des)construção do seu objeto que é o discurso (ORLANDI, 2000; 2012). Nesse sentido, a AD permite uma relação "menos ingênua" com a linguagem, uma vez que essa não é óbvia, nem transparente. O analista deve debruçar-se sobre o que parece insignificante na língua: as fissuras, as incoerências, os silenciamentos, o que parece neutro, mas que gera efeitos de sentidos (ORLANDI, 2007). À vista disso,

> O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise converter a superficialidade linguística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado. (ORLANDI, 2000, p. 66)

A análise deve determinar a abrangência do recorte no interior do discurso, o *corpus* é delimitado a partir da questão de análise, razão pela qual faz-se necessário "que a teoria intervenha a todo momento para 'reger' a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação" (ORLANDI, 2000, p. 64), por isso "demanda um ir-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise" (ORLANDI, 2000, p. 67). Portanto, há uma relação dialética entre descrição e interpretação dos processos simbólicos, organizada em três etapas teóricas, que não se constituem necessariamente em etapas estáticas: i) passagem do texto (*superfície linguística*) para o objeto discursivo; ii) passagem do objeto discursivo ao processo discursivo; iii) compreensão dos processos discursivos, isto é, de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos (ORLANDI, 2000; 2007).

O objetivo da AD é descrever como um texto produz sentidos, o analista deve "mostrar" os processos de significação que presidem a textualização da discursividade. Sendo essa descrição exposta ao equívoco da língua, já que há outras possibilidades de estruturação de um mesmo enunciado, isto é, todo enunciado pode tornar-se outro (ORLANDI, 2012). No que diz respeito ao seu objeto – o discurso – a AD o concebe como sendo o movimento/prática de linguagem, efeito de sentido entre os locutores; é uma materialização da ideologia, que, por sua vez, materializa-se na linguagem – essa compreendida como um território não-transparente, incompleto e sujeito ao equívoco. Nas palavras da autora:

> Essa mediação que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2000, p. 15)

Sendo assim, todo discurso faz parte de um processo (circularidade discursiva), isto é, mantém relação com um discurso anterior e aponta para outro (não há discurso fechado em si mesmo), podendo recortar e analisar o processo discursivo em estados diferentes, isso porque, o discurso é polifônico, é sempre atravessado por várias outras vozes/discursos. As condições para o funcionamento da linguagem se dão na tensão entre a paráfrase (o mesmo, a estabilização) e a polissemia (o diferente, o deslocamento); essa tensão entre essas "duas forças" tornam o discurso possível, sustentam o dizer (ORLANDI, 2000; 2007; 2012).

1.1 Sujeito, ideologia e interdiscurso

O sujeito discursivo não corresponde simplesmente ao indivíduo que faz parte do real, mas se estrutura ideologicamente, sendo afetado pela cultura e inscrito em um momento histórico específico. Para Pêcheux (1997b), que se baseia, sobretudo, em Althusser (1974), é a ideologia que promove a assunção do indivíduo em sujeito através da interpelação, já que essa "age" ou "funciona" de tal forma que "recruta" indivíduos e os "transforma" em sujeitos. Ou melhor,

> [...] "a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos": esta lei constitutiva da *Ideologia* nunca se realiza "em geral", mas sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, e isto, em razão de suas características "regionais" (o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus etc....) e, ao mesmo tempo, de suas características de classe. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167)

Portanto, a interpelação sempre se dá em "particular", isto é, em uma determinada FD, e tem como consequência fundamental a afetação desse sujeito por dois esquecimentos necessários para que ele produza sentidos a partir do seu dizer e do dizer do outro (PÊCHEUX; FUCHS, 1997): o *esquecimento n.º 2*, da ordem da enunciação, que corresponde ao processo através do qual o sujeito esquece que há outros sentidos possíveis do dizer, há uma ilusão referencial, isto é, quando falamos temos a ilusão que há uma relação com o que digo e o mundo, o que digo corresponde ao real e não há outros modos de ser dito; e o *esquecimento n.º 1*, da ordem da ideologia, que consiste no processo através do qual o sujeito tem a ilusão de ser a origem do dizer, de que o processo discursivo tem início nele (ORLANDI, 2000). Esses esquecimentos são necessários à constituição do sujeito

(assujeitamento), tendo em vista que, ao mesmo tempo que o indivíduo deve submeter-se à ideologia, também deve sentir-se livre, tendo-a como evidente.

A interpelação e o assujeitamento têm como lugar, por excelência, o discurso, de modo que, como o indivíduo já nasce mergulhado na linguagem, ele é *sempre já* sujeito (PÊCHEUX, 1997b), como notou Althusser (1974, p. 103): "Antes de nascer, a criança é portanto sempre-já sujeito, designado a sê-lo na e pela configuração familiar específica em que é 'esperada' depois de ter sido concebida". Então, somos "sempre já", porque nascemos em meio aos processos discursivos e, de forma particular, somos afetados pela língua e pela história, cuja materialização nos sujeitos e nos sentidos é a determinação necessária para que eles existam, isto é, há uma dupla constituição: só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos (ORLANDI, 2000).

Um dos efeitos da ideologia é a *denegação*, que consiste na noção de que o que se passa na ideologia parece estar fora dela, a ideologia é posta como neutra, "aqueles que estão na ideologia se julgam por definição fora dela" (ALTHUSSER, 1974, p. 101). Destarte,

> [...] a ideologia nunca diz "sou ideológica". É preciso estar fora da ideologia, isto é, no campo científico, para poder dizer: estou na ideologia [...]. É sabido que a acusação de se estar na ideologia só é feita relativamente aos outros, e nunca relativamente ao próprio[...]. O que equivale a dizer que a ideologia *não tem exterior* (a ela), mas ao mesmo tempo que *é apenas exterior* (para a ciência e para a realidade). (ALTHUSSER, 1974, p. 101)

Essa ilusão de um discurso científico "puro" é própria da metalinguagem, já que opera com a ilusão de transparência da linguagem, da literalidade. Essas questões são abordadas por Pêcheux (2012, p. 53) ao expor o equívoco da língua, já que "[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro".

O discurso, portanto, é o lugar que materializa o contato entre o ideológico e o linguístico (PÊCHEUX, 2012) em condições de produção (CP) específicas, sendo essas condições "o conjunto de formulações feitas e já esquecidas [...] determinam o que dizemos" (ORLANDI, 2000, p. 32). E o interdiscurso, que é função *sine qua non* para a produção do discurso, consiste em uma rede de discursos que se relacionam numa "dimensão vertical" a partir da memória discursiva, porque "o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia" (ORLANDI, 2000, p. 32). O interdiscurso desponta, portanto, como o conjunto histórico de filiações discursivas que revela os compromissos políticos e ideológicos do dizer.

Alicerçada no interdiscurso, a articulação entre o já-dito e o a-dizer, permite também uma antecipação que recorta o dizer, uma projeção de sentidos, materializados através da linguagem que configura a FD, isto é, a determinação do que deve e pode ser dito em cada situação (ORLANDI, 2000). Assim, "[...] todo sujeito-falante 'seleciona' no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase [...]" (PÊCHEUX, 1997b, p. 173), observando regras estáveis que distinguem o que pode e deve ou não ser dito daquilo, o que o faz produzir "[...] *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada*" (PÊCHEUX, 1997b, p. 173, grifo do autor). A FD é, portanto, uma regionalização do interdiscurso (ORLANDI, 2000, p. 43) e a materialização de uma dada Formação Ideológica (FI) que, por seu turno, corresponde a uma inscrição histórica da ideologia, a

> [...] um elemento (determinado aspecto da luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem "individuais", nem "universais" mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 47)

As FI estabelecem e mobilizam as FD através de Formações Imaginárias (FIm), isto é, de um conjunto estruturado de imagens que "[...] designam o lugar que A e B [emissor e receptor, respectivamente] se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro." (PÊCHEUX, 1990, p. 82, grifo do autor). As FIm são, assim, projeções que os interlocutores elaboram de si mesmos, dos outros e das situações comunicativas e sócio-históricas (CP), são formas de antecipação do discurso e de intervenção na realidade. Ao mesmo tempo em que os participantes do discurso produzem imagens, retomam outras imagens, aquelas fornecidas pela FD que os interpela, por isso as imagens não são estáticas, produtos da simples relação entre os agentes e os referentes do discurso, elas são alteradas conforme mudem as CP e as formas de interpelação.

Nesse jogo entre o já-dito e o a-dizer os sujeitos e os sentidos fazem seu percurso, o que implica em uma incompletude da linguagem, já que "nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso já estão prontos e acabados" (ORLANDI, 2000, p. 37), eles estão em constante movimento/deslocamento, seja nas relações de força (o lugar de onde se fala marca o discurso com a força que esse lugar sustenta), seja nas relações de sentidos (um discurso aponta para outros que o sustentam e a antecipação – a capacidade que o sujeito tem de

colocar-se na posição do seu interlocutor antecipando o sentido que suas palavras reproduzem).

1.2 Acontecimentos históricos no campo metalinguístico

Considerando esse modo específico de tratar a história enquanto acontecimento (GUIMARÃES, 2002), nos interessam dois aspectos fundamentais para a história da linguagem: o aparecimento da escrita e o processo de gramatização das línguas, que são revoluções *técnico-linguísticas* (AUROUX, 1992). O surgimento da escrita, que é um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem, foi um recurso fundamental à passagem do saber epilinguístico para o metalinguístico. A escrita estabelece uma relação de poder, uma vez que os estudos linguísticos, postos como científicos, só foram possíveis a partir desta (AUROUX, 1998). A gramatização, que para essa pesquisa é de maior interesse, por sua vez, é definida por Auroux (1992, p. 65) como "processo que conduz a descrever e a instrumentalizar uma língua na base de duas tecnologias, que ainda hoje são os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário".

Como relata Auroux (1992), o processo de gramatização possibilitou a mudança de orientação prática da gramática no cenário europeu do século IX, já que a gramática era utilizada como "uma estratégia" adotada pelas escolas para as crianças que dominavam mal sua língua ou que pretendiam aprender uma língua estrangeira. Desse modo, as principais causas da gramatização foram a necessidade de se aprender uma língua estrangeira e a expansão linguística através da organização de uma língua literária. É preciso considerar, então, que

> [...] a gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la como **um instrumento linguístico** que prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor. (AUROUX, 1992, p. 70, grifo nosso)

Além disso, com o Renascimento, a produção de gramáticas e dicionários com base greco-latina mudou a "ecologia da comunicação humana", a gramatização serviu de base para a "sobrevivência" das línguas, dando ao Ocidente um meio de dominação, por meio da escrita, sobre as outras culturas cujas línguas "não instrumentalizadas" não resistiram ao tempo. Foi o que Auroux (1992) denominou de "linguicídio":

> Nesse mesmo período acontecerão outras transformações na história da linguagem. O interesse prático da gramática se estende da filologia (no sentido lato do acesso ao texto escrito), que é seu lugar de origem, em direção ao domínio das línguas, inclusive das línguas maternas. (AUROUX, 1992, p. 36)

Assim, as gramáticas e os dicionários, afetados pelo efeito de unidade, passam a finalidade de unificação dos idiomas. Com o avanço no campo da linguagem, o modo de produzir gramática vai sendo afetado, Dias (2008) analisa o conceito de articulação sintática em gramáticas do final do século XIX que, de diferentes modos, apresentam uma divisão: de um lado aparecem traços de rompimento com a tradição gramatical, de outro há uma perspectiva de inovação vinculada aos acontecimentos no campo metalinguístico situados no 2º período definido por Guimarães (1996).

Nesse contexto, um acontecimento importante foi a institucionalização da NGB, motivada pela instrumentalização da língua, que trouxe uma necessidade de unificar efetivamente o idioma do Brasil. Com a NGB passa a existir certa regularidade no modo de produzir gramáticas, isso porque é uma nomenclatura de caráter oficial e que, portanto, direciona a novos sentidos, apresenta uma estruturação hierárquica básica que serve como "modelo", isto é, as gramáticas que surgiram após a NGB, embora não sejam completamente iguais, apresentam uma forma bastante regular. Um fator que comprova isso é a divisão da gramática em fonética, morfologia, sintaxe e semântica. Além disso, dá espaço ao linguista para atuar nesse campo que era do gramático, dito de outro modo, a autoria sobre assuntos relacionados à língua deixa de ser uma posição do gramático e passa a ser discutida também pelo linguista (BALDINI, 1998). Com a introdução de cientificidade linguística no campo gramatical, surge uma divisão no saber metalinguístico: de um lado os gramáticos, de outro os linguistas. Essa divisão provoca grande contradição no ensino contemporâneo que fica dividido entre a aplicabilidade ou não da gramática na escola.

No âmbito escolar essa divisão se reflete na oposição entre professores com formação filiada à NGB e professores afetados pela formação das propostas da Nova LDB e dos PCN. Nesse sentido, temos a influência das propostas de ensino filiadas ao processo de redemocratização do país a partir dos anos de 1980, mas de modo definitivo nos anos de 1990 (LDB, 1996; PCN, 1997), num movimento histórico, constituindo a mudança de paradigmas teóricos, desencadeado pelas ciências da linguagem. Essas contradições aparecem na mídia, principal formadora de opinião, de maneira bem específica: seja "mitificando" o produto e qualificando-o no âmbito do novo, do facilitador; seja apontando para questões próprias do ensino.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

2.1 Procedimentos analíticos preliminares

A fim de alcançar os objetivos propostos, na presente pesquisa, e a fim de subsidiar seus meios de execução, foram realizadas atividades em três campos entrecruzados: a) leituras da bibliografia do construto teórico do projeto; b) a coleta dos dados; c) a construção do *corpus*. Pensados a partir do deslocamento, da descrição e da interpretação, constituindo-se, assim, um trabalho *pendular* que "tem um procedimento que demanda um ir-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise" (ORLANDI, 2000, p. 67). Ou seja, na feitura do trabalho, não há como separar a teoria da prática analítica. Nesse sentido, para os procedimentos metodológicos básicos, aportaremos os expedientes teóricos nos trabalhos de Pêcheux (1990, 1997a, 1997b; 2012), Orlandi (2000; 2007; 2012), Auroux (1992; 1998), Guimarães (1996; 2002), entre outros.

À luz das perspectivas teóricas adotadas, das maneiras de ler, colocamos o dito em relação ao não-dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras do arquivo (ORLANDI, 2000). Além de considerar a articulação que se dá através das relações entre as figuras de enunciação e as formas linguísticas, que dão modos de acesso à palavra por "aquele que fala" e "para quem se fala".

2.1.1 O arquivo

Pesquisamos textos sobre instrumentos linguísticos extraídos de sites de editoras de gramáticas de LP (a saber: Editora Ática, Parábola Editorial, Lexicon Editora digital, Ateliê Editorial, Editora Contexto, Editora Alta books), ou de livrarias que as comercializam (Livraria da Folha, Livraria da Saraiva, FNAC). Sendo assim, compilamos uma lista mínima de 141 textos midiáticos sobre os instrumentos linguísticos, um recorte de materiais do QDGB que propõe a separação das gramáticas de forma analítico-descritiva, considerando o recorte empírico (gramáticas de nível superior, a saber: normativas e descritivas; gramáticas escolares e gramáticas profissionalizantes). Esse quadro foi desenvolvido no âmbito do projeto *GRAMATIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: um estudo enunciativo sobre a constituição do sujeito na história das gramáticas do entorno da Nomenclatura Gramatical*

Brasileira/NGB-1959[1]. Assim, classificamos os textos enquanto: sinopses (123), sendo 11 de dicionários e 112 de gramáticas, das quais: 22 foram escolares, 8 para concursos e 82 acadêmicas (normativas (31), descritivas (19), gramático-linguistas (7), e outras (25)), e 18 gramáticas online; e (2) *releases*. Trabalhamos empiricamente com o recorte de sinopses e *releases* ligados a gramática do âmbito acadêmico. Desse modo, analisamos os textos, tendo em vista a relação dos sentidos projetados desse lugar (mídia) para academia e dessa para o ensino de LP.

Consideramos as especificidades de cada documento, ou seja, o âmbito de circulação, o lugar/posição sujeito. A categorização considera, inicialmente, os gestos quantitativos para ampliar o arquivo sobre instrumentos linguísticos presentes na mídia, já que para a pesquisa é fundamental trabalhar quantitativamente, o que não significa necessariamente buscar exaustividade (FÁVERO, 2001), pois nesse movimento de circulação entre diferentes textos, o procedimento metodológico é tomado a partir do trabalho com recortes, isto é, "um fragmento de situação discursiva" (ORLANDI, 1984, p. 14). A análise é, primordialmente, qualitativa, trabalhamos com a abordagem do *corpus* na perspectiva processual, assim sendo, nos valemos dos dados coletados para examinar os fatos de linguagem e os entrecruzamentos dos discursos. Então, foram analisadas, efetivamente, 10 sinopses e 2 *releases* nos sites mencionados[2]. O percurso analítico contou com o QRA (BERNARDO-SANTOS, 2014) para analisar as CP dos discursos que compõem o *corpus*. Vejamos abaixo as dimensões[3] propostas no âmbito do QRA[4]:

1. DOCUMENTO – Especificidades do artefato. Modos de tratar, de conceber, de considerar a materialidade empírica. A descrição de traços gerais e específicos da peça.
2. HISTÓRIA – A noção de gramatização (AUROUX, 1992, 1998); quadro cronológico e de acontecimentos (fatos políticos, legislativos, publicações); orientações teóricas etc. Efeitos próprios da instrumentação; a noção de história pensada a partir da relação estrutura/acontecimento (PÊCHEUX, 2012).

[1] Projeto desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da UFS, orientado pelo Prof. Dr. Wilton James Bernardo dos Santos, do qual fiz parte e colaborei para a coleta dos dados que compõem o referido Quadro.
[2] Sinopses e *releases* entendidos aqui como materialidade das CP.
[3] Essa divisão em dimensões foi posta por questões didáticas, mas sendo elas CP, foram trabalhadas em conjunto, um ir e vir constante.
[4] Ver o Quadro completo no ANEXO I.

3. DISCURSO – A análise propriamente dita; as categorias da Análise do Discurso: Formação Discursiva, o Interdiscurso; a materialidade da linguagem e do discurso; constituição do sujeito; as posições construídas: o filólogo, o gramático, o linguista/cientista, o estudioso, o pesquisador, o professor, o aluno etc.
4. ENSINO – Concepções e implicações relativas às políticas públicas e às práticas próprias do ensino (outros instrumentos e documentos – materiais didáticos, exames, avaliações etc.). As contradições que afetam de modo inequívoco a produção do conhecimento: os efeitos restritivos.

2.2 Procedimentos analíticos específicos

Como procedimentos analíticos mais específicos, lidamos com as dimensões citadas acima. Esse percurso é proposto a partir dos enfoques teórico-analíticos adotados pela AD, o que "implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido." (ORLANDI, 2000, p. 26-27). Além de considerar "as maneiras de ler, colocando o dito em relação ao não-dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras de arquivo" (ORLANDI, 2012, p. 86) e a articulação que se dá através das relações entre as figuras de enunciação e as formas linguísticas, que dão modos de acesso à palavra por "aquele que fala" e "para quem se fala".

Com as categorias de análise, sistematizamos a instabilidade das fissuras da linguagem provocada pelo incessante deslocamento de sentidos e a partir das repetições, dos lugares vazios, encaixes, conjunções e algumas formas de metaenunciação, para descrever, assim, as materialidades (ORLANDI, 2012; GUIMARÃES, 2002).

2.2.1 O documento

A presente proposta, então, é trabalhar a integralização dos sentidos das regiões do texto que levam o sujeito/leitor a considerar as especificidades não apenas em sua linearidade, mas em diferentes dimensões do objeto (língua, linguagem e discurso). Enquanto documento, procuramos lidar com a espacialidade da escrita (AUROUX, 1998) e a categoria *região-território* (BERNARDO-SANTOS, 2014), com o objetivo de propor uma reflexão sobre a materialidade do texto, bem como as relações de sentidos que resvalam de uma região para

outra com posições/vozes específicas. Assim, descrevemos também os textos a partir de como é apresentado e o ambiente de circulação, nesse caso, a mídia digital.

Como especificidade, a sinopse é definida, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), como "enumeração das principais divisões, seções e outras partes de um documento, na mesma ordem em que a matéria nele se sucede" (NBR 6027). Tendo em vista essa definição, analisamos a constituição do sujeito nas sinopses apresentadas às gramáticas nos sites de editoras percebendo que o principal objetivo desses sites é vender um produto, nesse caso, gramáticas. Assim, a sinopse funciona como um texto informativo para que o leitor/consumidor tenha conhecimento do produto/gramática, mas com traços persuasivos, obviamente, para a compra. Nessa direção, percebemos os efeitos de sentido postos nessas sinopses que por vezes se cruzam ou se afastam.

O *release*, por sua vez, define-se como "uma proposta de assunto, um conjunto de informações sobre um tema, um roteiro, mas do ângulo de quem o emite" (DUARTE, 2010, p. 309). Assim como as sinopses, o *release* também encontra-se vinculado ao discurso publicitário, uma vez que visa anunciar algo (nesse caso, gramáticas) ao público/consumidor. Como o (*press*) *release* é também um comunicado de imprensa, atravessam o texto sentidos jornalísticos e publicitários. Esse tipo de texto apresenta formas específicas que nos permitem observar especificidades de cada região-território (BERNARDO-SANTOS, 2014).

Esses textos circulam no meio digital, o que proporciona maior acesso e visibilidade dos discursos que vão se propagando em outros meios. É importante pensar esse lugar e como esses sentidos chegam ao ensino de LP, principalmente, porque há outros discursos operando. Por se tratar de sites de vendas, o discurso mercadológico se mostra em várias regiões do texto, principalmente, nas periferias. Nas sinopses aparecem os preços dos produtos; a indicação de produtos semelhantes: "últimos produtos visualizados", "ver também", "produtos vistos recentemente", "aproveite e compre junto"; ou imperativos: "compre", "comprar". Visualmente, esses sites são cheios de anúncios e direcionam, inclusive a "outros vendedores" ou outros consumidores: "enviar esta página a um amigo" (ver anexos III à XII). Nos *releases* esses interesses aparecem mais "discretos", no próprio corpo do texto, e priorizam a descrição do produto, com muitas adjetivações positivas: "Gramática Nunca Mais 2 apresenta o estudo do Português de uma **forma atraente e provocativa**" (ver anexo XIII), "A Gramática do português brasileiro, de Mário A. Perini, **é a primeira** gramática do português brasileiro **a ser publicada no Brasil** – e **a segunda no mundo**" (ver anexo XIV).

2.2.2 História

Delineamos o cenário político-social predominante no momento histórico da gramatização brasileira e suas das influências no processo de constituição discursiva do sujeito. Foi iniciado, então, um roteiro de leitura para embasar a análise, seja discutindo o processo de gramatização enquanto revolução tecnológica (AUROUX, 1992); seja apresentando historiografia específica (GUIMARÃES, 1996); seja tratando da implementação da NGB (BALDINI, 1998); ou ainda, tratando do texto enquanto acontecimento enunciativo e discursivo (GUIMARÃES, 2002; ORLANDI; 2012).

Esboçamos um corte histórico do processo de gramatização brasileira que tem como marco histórico a NGB, para isso recorremos uma "Sinopse dos estudos do Português no Brasil" de Guimarães (1996) que dividiu o processo de gramatização em quatro períodos que são demarcados por acontecimentos que, de diferentes modos, afetaram os estudos da linguagem. Vejamos:

> a) da "descoberta" em 1500 até a primeira metade do século XIX, "momento em que se desenvolvem debates entre brasileiros e portugueses a propósito de construções consideradas inadequadas por gramáticos e escritores portugueses" (GUIMARÃES, 1996, p. 128);
> b) dos acirrados debates, segunda metade do século XIX, até fins dos anos 30 com a fundação da USP em 1937;
> c) do final dos anos 30 até meados dos anos 60, quando o Conselho Federal de Educação torna a Linguística disciplina obrigatória para os cursos de Letras;
> d) de meados dos anos 60 até hoje. Período em que a Linguística se implantou em todos os cursos de graduação em Letras e ao mesmo tempo foram implantados cursos de Pós-graduação em Linguística em alguns centros universitários brasileiros.

Partindo do panorama proposto por Guimarães (1996), traçamos um corte histórico do processo de gramatização estruturado em perspectivas distintas, mas entrecruzadas: os acontecimentos importantes na área da linguagem e os efeitos específicos da gramatização do português no Brasil. O corte que interessa diretamente a presente pesquisa corresponde aos terceiro e quarto períodos. O primeiro marco aponta para a tradição das gramáticas filiadas à NGB; e o segundo, a redemocratização da educação brasileira.

2.2.3 Discurso

Na dimensão discursiva, para além de analisarmos a constituição do sujeito, fez-se necessário frisar que as peças que compõem o *corpus* circulam no discurso midiático. Sendo assim, consideramos a mídia como dispositivo social que produz deslocamentos e desterritorializações (GREGOLIN, 2007). Destarte, analisamos os sentidos próprios desses discursos que "fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade" (GREGOLIN, 2007, p. 22).

No *corpus* em questão, a mídia apropria-se do discurso que vem marcado por acontecimentos históricos no campo metalinguístico (gramatização brasileira, a saber: NGB, Nova LDB e PCN). Bem como, por um discurso de mercado, que tem função "mitificar" o produto, isto é, caracterizá-lo de forma a persuadir o leitor/consumidor que a obra é única, inovadora. Por isso, a mídia lida com o que é preferível ao público-alvo e cria uma ideia de unidade, de que não há outros dizeres possíveis. Vejamos:

> A criação dessa ilusão de "unidade" do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia. Como o próprio nome parece indicar, as *mídias* desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

No caso específico das sinopses e dos *realeases,* o discurso midiático opera uma mediação entre uma FD científica, filiada aos estudos da Língua, e FD diversas, relacionadas ao público/consumidores (professores, estudantes de Letras, entre outros). Isso implica que os textos midiáticos são atravessados pelo problema da cientificidade, mas não, necessariamente, de forma central, haja vista que as CP impõem finalidades diversas relacionadas à questão da venda e do consumo.

CAPÍTULO III - "ESTILO-REVELAÇÃO": GRAMÁTICO *VERSUS* LINGUISTA

No presente capítulo, apresentamos as peças analisadas que compõem o *corpus*. Nesse sentido, analisamos 12 textos[5] (classificados, a seguir, como: T1...T12). Esses textos, mais especificamente, sinopses e *releases*, extraídos de sites de editoras de gramáticas de LP (a saber: Editora Ática, Parábola Editorial, Lexicon Editora digital, Ateliê Editorial, Editora Contexto, Editora Alta books), ou de livrarias que as comercializam (Livraria da Folha, Livraria da Saraiva, FNAC) [6] e fazem parte de FD do processo de gramatização brasileira, especialmente, com a instituição da NGB e as novas propostas de ensino afetadas pela Nova LDB e os PCN.

Nesse percurso, analisamos a constituição do sujeito da gramatização brasileira tendo em vista que esses textos (materialidades do discurso) circulam nesse lugar ideológico que é a mídia digital, portanto, apresentam CP próprias. Junto ao discurso da gramatização há um atravessamento de outros discursos ligados à venda que, postos nesse lugar, deram maior ênfase ao debate sobre a aplicabilidade ou não da gramática no ensino. Sendo essa posição voltada para inovação, esses discursos filiam-se aos estudos linguísticos, por serem legitimados e aparecerem nos próprios documentos oficiais.

Há, então, a ilusão de apagamento de discursos outros, tidos como tradicionais. Embora, o sujeito enunciador ao mesmo tempo em que opera as novas concepções gramaticais, também retoma aquelas que foram oficialmente "superadas", ou seja, o discurso que procura alinhar-se às diretrizes oficiais, para o ensino de LP, falha e é atravessado pelo outro dizer (gramático), o que constitui uma divisão do sujeito (tradicional *x* inovador; gramático *x* linguista) a partir da assunção de posições que articulam esses polos discursivamente opostos, afirmando-os ou negando-os conjuntamente. Essas posições-sujeito aqui definidas como: *gramático-linguista* – que mantém certa filiação com a tradição e apresentam características da gramática tida como tradicional, mas propõe certas inovações no ensino e na produção das gramáticas; e *Nem gramático, nem linguista* – afetados pelas novas propostas de ensino, propõem uma inovação que não se filie nem a gramática normativa, nem a gramática descritiva, mas com outras filiações, por exemplo, ligadas à Filosofia e à Lógica. Apresentamos abaixo, em sequência, as peças efetivamente analisadas:

---

[5] A noção de texto adotada pelas concepções da AD, como materialidade do discurso (ORLANDI, 2000).
[6] Sendo que o *release* sobre "Gramática nunca mais 2" foi encontrado no site da UFMG, na seção NOTÍCIAS, e com a colaboração da assessoria de imprensa da Fato Editora.

3.1 Sinopses de gramáticas da Língua Portuguesa

As sinopses (textos informativos para que o leitor/consumidor tenha conhecimento do produto/gramática) aparecem no *corpus* empírico como "Descrição", "ficha técnica" das gramáticas. A ausência do nome "sinopse" nos textos selecionados nos colocou em relação direta com a memória discursiva, ou seja, as peças "são porque são" materialmente sinopses. Sendo assim, enquanto sujeito analista fomos tomados por essa "ausência presente". E esse fato próprio da relação discurso/texto que poderia nos colocar diante de um problema, na verdade, reafirma a materialidade discursiva com a qual lidamos. Assim, procuramos, nos efeitos de sentidos produzidos, na descrição do objeto de forma sintetizada, observar e caracterizar as materialidades nas efetivas CP: os sentidos financeiros, a venda, as formas próprias dos hipertextos, enfim, os sites das editoras.

T1: Português e Gramática: Erros Nunca Mais – Os principais Erros de Português e Como Se Vacinar Contra

O título vem marcado pela relação: de um lado o ensino de LP; e de outro a Gramática; em destaque no segmento "erros nunca mais"significando essa relação. Já nessa configuração temos os sentidos atribuídos à gramática e ao seu papel nos estudos de LP. Essa oposição torna-se necessária para instaurar um cenário que especifica a relação "português e gramática", apresentando os principais erros de português e uma possível solução: "como se vacinar contra". Os sentidos que atravessam o título apontam para uma ligação com a gramática tradicional, mas o ensino aplicado com uma nova ancoragem. Assim, uma solução para "se vacinar contra" e não cometer "erros nunca mais" é adquirindo a referida obra, que está pautada em práticas. Há também o atravessamento do DP, em "erros nunca mais" a noção de erro está atrelada ao que se deve saber. Há a posição-sujeito "que ensina" e a posição-sujeito "aprendiz de gramática" (ORLANDI, 1996).

A praticidade, o método de alcançar o sucesso (se vacinar contra), o funcionamento do "como se" causa efeito de sentidos de obras de autoajuda, o que salienta a questão da venda, da utilidade, da facilidade. Vejamos:

(1) **Todos sabemos** que precisamos evitar os erros de português. **Falar é fácil**. Mas como fazer na prática?

(2) São tantas as **armadilhas**, e **encarar uma gramática maçante** ou um livro escolar complicado **desanima**. Será que existe uma maneira prática de aprender a **driblar** esses erros?

Em (1) o emprego da SD "todos sabemos" traz sentidos que é de conhecimento geral, isto é, todo mundo partilha dessa posição frente ao ensino de LP. Essa suposição de que o saber é geral faz parte da antecipação de que o leitor irá identificar-se com o produto. E será "vacinado" em consonância com os preceitos apresentados na obra, configuração própria dos discursos de mercado. Ainda, no clichê "falar é fácil" os sentidos atravessam a materialidade do texto e o não-dito se mostra, ganha visibilidade, aponta para as outras obras com esse fim que apenas prometem, mas essa realiza, na prática, como "driblar" os erros. Em (2) o emprego de "as armadilhas" mostra as dificuldades de "encarar uma gramática maçante", isso torna difícil driblar esses problemas. E finaliza com uma interrogação: "Será que existe uma maneira prática de aprender a driblar esses erros?", que gera certo suspense que se desfaz em (3). Vejamos:

(3) Em Erros nunca mais, Ivo Korytowski **mapeia** os erros de português mais comuns, quantifica a frequência com que são cometidos, **especialmente na Internet** – nossa atual fonte de pesquisa rápida –, e, por meio de explicações lógicas e de pequenos exercícios, ensina como evitá-los.

Então, todas as dificuldades apresentadas em (2) estão solucionadas. O nome da obra e do autor aparecem dando credibilidade, materializando o objeto que será a "solução" para os problemas, uma "vacina" contra os erros. Isso porque há um sujeito científico, já que há todo um aparato estatístico baseado em um "mapeamento" dos erros mais frequentes. Em (3), temos que esses resultados são obtidos, principalmente, da internet, na qual, atualmente, a escrita flui com maior frequência, por ser "fonte de pesquisa rápida", não só para Korytowski, mas para todos (próprio do capitalismo mostrar que o objeto de consumo se adequa a todos). Temos, também, o discurso atual que circula no âmbito do ensino de LP, de que a internet tem sido prejudicial ao ensino, já que é onde se tem mais frequência de "erros", inadequação à norma padrão. Esses "erros" evocam a ilusão da transparência da linguagem, da língua como sistema fechado, que pode ser descrito em níveis. Nessa concepção o que não está descrito/normatizado configura-se como erro (ORLANDI, 2000; 1996).

Ainda em (3), a "vacinação", a "cura" ocorrerá por meio de diversos exercícios pautados na lógica, ou seja, não está pautado nem na gramática descritiva, nem na normativa. Esse é seu diferencial, "ao terminar a leitura deste livro, você ficará **vacinado** contra os erros

de português habituais, e estará mais **apto**, mais **capacitado**, para enfrentar uma prova, um concurso, a vida profissional, a vida em geral". Nessa SD são apresentados, a todo momento, predicativos de sucesso (apto, capacitado) para garantir a eficácia da obra para públicos mais visados atualmente: os alunos que se preparam para os vestibulares, os concurseiros, profissionais da área etc. A eficácia é reforçada, já que serve "a vida em geral". Então, há uma divisão: o público-alvo, mais interessado no assunto; mas serve a todos (novamente o ideal mercantil).

(4) **Mas lembre**: a língua é um organismo vivo, em constante mutação. O português **de hoje** não é o mesmo do tempo dos trovadores medievais, ou do tempo dos poetas românticos. O que hoje é gíria amanhã pode se tornar palavra dicionarizada. Este livro está totalmente adaptado ao Acordo Ortográfico dos países da Língua Portuguesa, que passou a vigorar no Brasil em 2009.

O destaque da peça "Mas lembre", retoma a atenção do consumidor para ratificar que ele deve lembrar que além de tantas conotações positivas e vantajosas, a obra é atual, pautada no "português de hoje". Nesse caso, há um não-dito, o interdiscurso opera aí na divisão que se tem entre a tradição gramatical que foi fortemente marcada por textos medievais, além de desconsiderar o que não é padrão, "a gíria", por exemplo; e o ensino "de hoje", inovador, marcado durante as SD por predicações positivas e inovadoras, como a total adequação "ao Acordo Ortográfico dos países da Língua Portuguesa, que passou a vigorar no Brasil em 2009". Nesse momento, também há a discursividade operando, através da metáfora da doença que já aparece no título "como se vacinar contra", e em (4) a metáfora biológica "a língua um organismo vivo".

T2: Suma Gramatical da Língua Portuguesa – Gramática geral e avançada

O título da gramática já antecipa os sentidos que irão percorrer toda a descrição apresentada na sinopse. O destaque na palavra *suma* traz sentidos para a obra. Suma, no dicionário do Aurélio online[7] significa "sf (lat summa) 1. soma. 2. resumo; epítome. 3. substância do mais principal de; 5. em suma: resumidamente". Então, os sentidos que temos é que se trata de uma gramática resumida, condensada, ou ainda, com as partes mais importantes de (a). Por outro lado, o sentido do termo "suma" é atravessado por sentidos outros (memória discursiva), historicamente demarcados, por uma obra de grande importância

[7] https://dicionariodoaurelio.com/

que apresenta as bases do catolicismo: a *Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino. Esses sentidos sustentam-se pela filiação da gramática, já que o autor, Carlos Nougué, é estudioso da filosofia Tomista. Nesse contexto,, a gramática é posta como essencial a LP. Outra questão, é que a obra é especificada, além de ser um resumo, ela é "geral" e também "avançada". Temos, nessa sequência discursiva (SD), o atravessamento do remoto no atual, isto é, embora possa ser significada a partir de uma obra do sec. XIII pela notoriedade e prestígio, é uma obra "avançada". Trata-se do discurso do moderno, inovador.

(1) A Suma Gramatical da Língua Portuguesa é uma gramática com dois importantes diferenciais: **tem amparo em escritores não literários** e **fundamento filosófico.**

(2) A Suma Gramatical **difere de todas as demais gramáticas disponíveis do mercado** – quer sejam as de natureza mais propriamente **normativista** (aquelas que pretendem dizer como a língua deve ser), quer sejam as de natureza **descritivista** (aquelas que, alimentadas pelos estudos linguísticos, se limitam a descrever os usos da língua).

Em (1) e (2) temos sentidos próprios da divisão do sujeito da gramatização brasileira: de um lado a filiação normativista e de outro a descritivista. Embora, a *Suma gramatical* não se filie a nenhuma das duas, já que não tem amparo em textos literários, inspiração nas grandes obras literárias como modelos para uma língua "correta", "elegante", "culta" que, durante bastante tempo, os gramáticos tentam preservar (BAGNO, 2001), que pretende dizer como a língua deve ser (normativista). Por outro lado, não se filia, nem se limita aos aparatos dos estudos linguísticos (descritivista). O diferencial da obra é a sua filiação, já que fundamenta-se nos estudos filosóficos (sentido apresentado também no título, ao remeter a *Suma Teológica*). O discurso é atravessado pelos interesses mercadológicos, que traz vantagens em obter o produto, já que "difere de todas as demais gramáticas disponíveis do mercado". Vejamos:

(3) Dirigindo-se tanto ao interessado em **conhecer melhor sua própria língua**, quanto ao **estudioso** que pode beneficiar- se de uma abordagem teórica **pouco comum**.

(4) Que as chamadas gramáticas tradicionais têm **inconsistências** é algo amplamente reconhecido. A principal diferença desta Suma Gramatical é que Carlos Nougué não procura resolver tais inconsistências à luz da moderna ciência linguística, mas à **luz da lógica e da filosofia.**

Em (3) temos uma divisão, a obra é dirigida: de um lado a quem deseja "conhecer melhor sua própria língua", e de outro para "estudiosos", já que apresenta uma abordagem

teórica “pouco comum” (inovadora) à luz da lógica e da filosofia, e justifica-se por deixar de lado as “inconsistências” das gramáticas tradicionais (normativas e descritivas).

Portanto, a *Suma gramatical* vai além da divisão do sujeito do entorno da NGB. Temos, no campo gramatical, um sujeito filiado à filosofia (nem gramático, nem linguista) que é atravessado pelo discurso do inovador, moderno, mais eficaz.

T3: Saber Português Hoje: Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa

O título “anuncia” um acontecimento afetado pelo discurso do atual: “saber português hoje”. A demarcação temporal específica, “hoje”, traz sentidos discursivos de mudança, o saber de hoje difere do saber outro, anterior. O inovador toma lugar do tradicional no ensino de LP, já que é uma gramática é pedagógica. Os sentidos recaem sobre a mudança no ensino que era pautado na tradição gramatical. Vejamos:

(1) Gramáticas **práticas**, numa linguagem **simples mas correcta**.

Em (1) reforça o caráter pedagógico da gramática como um instrumento legitimado (o saber institucionalizado), que serve de referência às práticas didáticas por apresentar uma “linguagem simples”, retoma o título da gramática que é pedagógica (ORLANDI, 1996). Nesse sentido, projeta para a tradição gramatical sentidos de uma linguagem complexa, há uma tensão na relação dos sentidos (ORLANDI, 2000). A colocação do termo “simples” como adverso de “correcta”, no que diz respeito a linguagem, supõe que a linguagem simples não é a correta, já que há discursos em que o simples está ligado mais a fala.

(2) Com esquemas **muito acessíveis**, são adaptadas nas escolas e na vida corrente.

Novamente, reforça o discurso que a gramática é “simples”, “muito acessível”, opera o discurso da facilitação, além de estar adaptada ao público, seja a escola ou no cotidiano, “na vida corrente”. O discurso mercadológico atua dirigindo o objeto a ser vendido para todos, todos necessitam “saber o português atual”. Por isso, apresenta “todas as regras da escrita e da fala, todas as dúvidas, encontram a resposta certa”.

(3) A Gramática **deixou de ser um pesadelo**, e passou a ser consultada por toda a gente.

Em (3) temos, novamente, uma evocação ao passado, à tradição gramatical, vista como um "pesadelo", e remete a uma mudança ("passou a ser") positiva e acessível a "toda a gente".

T4: Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores...

O título já vem marcado por um discurso atual, contemporâneo. Além disso, atenta para as vozes que aparecerão na obra, anunciada pela SD "com a palavra, os autores..." que está demarcada por um "encontro inusitado", dando abertura ao texto. Vejamos:

(1) Esta obra é o registro de um **encontro inusitado**: a reunião dos autores de obras contemporâneas nomeadas como "gramáticas" da língua portuguesa do Brasil: Ataliba Teixeira de Castilho, Evanildo Bechara, José Carlos Azeredo, Marcos Bagno, Maria Helena de Moura Neves, Mário Perini. Para **representar a gramática contemporânea** da língua **portuguesa em Portugal**, foi convidada Maria Helena Mira Mateus.

A expressão "inusitado" significa o encontro enquanto algo inesperado, um registro de uma reunião de autores de obras contemporâneas. A palavra "gramática" vêm entre aspas o que mostra duas questões: a problematização de definir a gramática, e a dificuldade ou estratégia de não definir a obra enquanto tal, por trazer várias conotações, já que o termo está ligado a algo tradicional, normativo. Em seguida, os autores da obra em questão, estão representados, principalmente, por Maria Helena, "por representar a gramática da língua portuguesa em Portugal", com diversas qualificações que aparecerão ao final, em uma região periférica do texto[8]. Ora, de um lado temos o discurso inovador que se propõe pós-NGB, certa

[8] Maria Helena de Moura Neves é licenciada em Letras (Português, Grego e Alemão) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, doutora em Letras Clássicas (Grego) pela Universidade de São Paulo e livre-docente (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Bolsista de Produtividade em Pesquisa — nível IA do CNPq, é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da UNESP — Araraquara. É autora, entre outros, dos livros Guia de uso do português. Confrontando regras e usos, 2012 [2003] ; Gramática de usos do português, 2011 [2000] ; Texto e gramática, 2011 [2006] ;Ensino de língua e vivência de linguagem, 2010; Gramática na escola, 2010 [1990] ; Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa, 2009 [2003] ; A vertente grega da gramática tradicional. Uma visão do pensamento grego sobre a linguagem, 2005; A gramática:história, teoria e análise, ensino, 2002; A gramática funcional, 2001 [1997]. É coautora dos dicionários: Dicionário grego- português (5 vols., 2006; 2007; 2008; 2009; 2010), do qual foi também uma das três coordenadoras; Dicionário UNESP do português contemporâneo, 2005; Dicionário de usos do português, 2002; Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil, 1997 [1990]. Coordenou a equipe Sintaxe I do projeto Gramática do Português Falado (sob direção de A. T. de Castilho), e, com R. Ilari, coordenou o volume II (2008) da série Gramática do português culto falado no Brasil. É membro da equipe que elabora o Grande dicionário do português do Brasil. É membro do conselho editorial de 18 revistas especializadas e consultora de seis fundações de apoio à pesquisa.
Vânia Cristina Casseb Galvão é professora da faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde atua na graduação e na pós-graduação. É pesquisadora do CNPq. Atua na área de Teoria e Análise linguística em um

autonomia em relação ao português europeu, mas que é posto em relevo aqui como uma participação positiva, necessária, já que Maria Helena está à frente do "projeto", o que dá credibilidade a obra por ter uma formação acadêmica bastante relevante.

(2) Todos esses **"gramáticos"** foram instados por Maria Helena de Moura Neves a completar a frase "Eu defino minha gramática como...". Ao mesmo tempo, Marli Quadros Leite foi convidada a comentar o "curso" dessas gramáticas (**uma visão histórica**) e Francisco Platão Savioli foi convidado a comentar o "percurso" dessas gramáticas nas ações escolares (**uma visão educacional**).

(3) Deu-se **voz** às diversas tendências hoje presentes no cenário brasileiro de obras gramaticais de referência, algumas das quais representam histórica **ruptura, de maior ou menor peso, na tradição** das gramáticas do português brasileiras.

Em (2), o conceito de gramática é problematizado nesse "registro", "curso", "percurso", sobretudo, considerando os convidados sob uma visão histórica e educacional. E continua em (3), ratificando a "voz" dada às tendências atuais e nacionais, sendo bem representadas por obras de referência, que rompem com a tradição, com o que é retrogrado. Há uma divisão do sujeito, uma vez que se propunha uma gramática contemporânea do português brasileiro que represente esse cenário. Mas que também está filiada a gramáticos do português europeu. Em (4), essa divisão se desfaz ao mencionar que esse encontro contribui para LP de modo geral, não mais apenas português brasileiro:

(4) É certo que o resultado desse encontro merece um registro editorial, **contribuição à história da língua portuguesa**. Os estudiosos, os professores, os estudantes, os amantes da língua portuguesa com certeza se valerão dele.

Nesse momento, percebe-se que a obra se instala como uma reunião de conceitos gramaticais propostos pelos autores, ao tempo que contribui para a história da LP, o que situa a obra tal qual aparece no site (ver a página 66), na seção **Gramática e gramaticalização**.

Ainda em (4), aparecem os traços mercadológicos, a contribuição da obra e a vantagem em tê-la, especialmente, o público-alvo: de um lado estudiosos e pesquisadores da área, os professores e os estudantes; de outro um público com interesse mais subjetivo na obra, os amantes da LP. Nesse sentido, atende a um grande público.

---

viés funcionalista, com ênfase na descrição do português brasileiro. Fez mestrado na Unicamp e doutorado na UNESP Araraquara. Foi supervisionada por Lachlan Mackenzie em estágio de pós-doutorado no Instituto de Linguística Teórica e Computacional (2010). Tem inúmeros artigos publicados em revistas especializadas, inúmeros capítulos em livros, é coorganizadora e coautora de Introdução à gramaticalização (Parábola Editorial (2006). Presidiu o IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (2013).

T5: Dúvidas em português nunca mais

O que temos, já no título, é um discurso marcado pelo êxito, pela certeza de que esse produto/obra será eficaz para o ensino de LP e não causará dúvidas "nunca mais". Essa expressão de ordem, própria dos textos midiáticos, vem atravessada pelo discurso de mercado, de que ao adquirir o produto o consumidor terá propriedade sobre a língua. Isso será possível através da:

(1) 3ª edição revista e ampliada com exercícios. **Guia prático e direto** para os usuários da língua portuguesa.

(2) Acontecimentos importantes no campo da língua portuguesa, bem como sugestões de leitores, ocorreram desde a primeira edição do *Dúvidas em português nunca mais*, e as autoras consideraram oportuno e necessário lançar esta nova edição, **atualizada** pela nova ortografia e acrescida de exercícios de fixação.

Em (1) e (2) temos o discurso do atual: "nova edição" "revista e ampliada" "atualizada" e também da praticidade e da clareza, por ser um "guia prático e direto". De interesse do público-alvo, "usuários da LP" que, supostamente, tenham muitas dúvidas em aprender o idioma. Com função de um instrumento linguístico, o guia não deve ser considerado uma gramática ou um dicionário, mas um "guia prático". Os guias entram também no discurso de autoajuda, a facilitação e a discursividade está significando isso, está recortando o objeto e significando, de modo pragmático, aquilo que ele é – um guia, "um manual de esclarecimento". Vejamos:

(3) O livro é um guia prático e direto na solução de **questões linguísticas**, com base no **padrão formal escrito** da língua. **Não é um dicionário** de dificuldades, **nem uma gramática**, mas um manual de esclarecimento às dúvidas que frequentemente angustiam o usuário da língua no ato da comunicação.

Em (3), mais uma vez o discurso do inovador, o livro opera com soluções de questões linguísticas, mas com base no "padrão formal escrito". O que temos nessa configuração é a sobreposição de sentidos, ao utilizar "questões linguísticas" e, em seguida, remeter ao padrão, na verdade, temos a posição tradicional (gramático), mas afetada pela necessidade de atualização (linguista), e isso se dá a partir da reconfiguração da colocação do adjetivo (questões **linguísticas** *X* questões **gramaticais**).

A repetição de *padrão* e *formal*, vistos como sinônimos no tratamento da língua, denota a necessidade de ratificar a filiação com a norma, com a escrita e, embora, se aproxime da gramática normativa, "**não é um dicionário** de dificuldades, **nem uma gramática".** Novamente**,** entra em questão o discurso da tradição gramatical, que apresenta complexidade. Em seguida, categoriza a obra: esse é um guia e não uma gramática complexa, mas "esclarecimento as dúvidas frequentes que angustiam o usuário". Então, esse aspecto negativo, a angústia, deve ser revertido.

Então, em (3) há uma divisão, por um lado o sujeito está marcado pelo padrão formal escrito; por outro, essa angústia causada em situações "no ato da comunicação" e que o guia pretende "acalentar".

(4) São 15 capítulos, cada um deles iniciado com uma apresentação do assunto, à qual segue um tira-dúvidas — perguntas e respostas explicativas, formuladas a partir das dificuldades mais frequentes que acometem o usuário — e um conjunto de exercícios de fixação dos conteúdos apresentados. Para aprofundar alguns conhecimentos criou-se a seção saiba mais. Integra o livro um índice remissivo, pelo qual o usuário poderá chegar rapidamente à página com a **solução da dúvida**.

rubrica ou rubrica? comprimento ou cumprimento? porque ou por quê? asterisco ou asterístico? parêntese ou parêntesis? quis ou quiz? vem, vêm ou veem? abjurar ou ab-jurar? bom-dia ou bom dia? semivogal ou semi-vogal? água de coco ou água-de-coco? o personagem ou a personagem? couve-flores ou couves-flor? conosco ou com nós? adequa ou adéqua? leiamos ou leamos? reouve ou reaveu? vem cá ou venha cá? contudo ou com tudo? em cores ou a cores? aferir ou auferir? à toa ou a toa? o champanhe ou a champanhe? coser ou cozer? atento a ou atento em? o alface ou a alface?

Em (4), a obra é apresentada com detalhes e traz algumas questões gramaticais, como as que vemos no quadro acima, com sentidos que recortam "o que é" e "o que não é" da língua, o leitor passa a ser guiado. E, por fim, utilizando esses elementos como exemplos, conclui: "com este livro, dúvidas em português nunca mais…".

T6: A arte de mandar em português – Estudo sintático-estilístico baseado em autores portugueses e brasileiros

O título vem marcado por certa moralização: "a arte de mandar". Essa SD projeta diversos sentidos que circularão no decorrer do texto. Primeiramente, o verbo "mandar" funciona aí como uma elipse da expressão conhecida no Brasil: "mandar bem", isto é, se sair bem, conhecer sobre assunto, ser experiente no assunto etc., que lembra novamente o discurso

de autoajuda, por exemplo, a obra de Sun Tzu nomeada *A arte na guerra*, os sentidos desse livro também operam na gramática, já que trata de estratégias de como "mandar bem". Esse é, justamente, o segundo aspecto que a sinopse nos remete: quem adquire o produto tem prestígio, manda e "manda bem" no aprendizado de LP (domina pela instrumentalização). Outra questão que merece destaque, é sobre a subjetividade da obra, já que não há, como nos discursos modernos, uma divisão entre o português brasileiro e o europeu, nela eles operam juntos.

(1) A arte de mandar em português, do professor lusitano João Malaca Casteleiro, que encontrava-se **inédito** até então, foi inicialmente apresentado em 1961 como dissertação de licenciatura em filologia românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O trabalho, orientado por Luís Filipe Lindley Cintra, Jacinto do Prado Coelho e Maria de Lourdes Belchior Pontes, atendia pelo título "A expressão da ordem na língua portuguesa do século XX. Estudo **sintático-estilístico** baseado em autores **portugueses e brasileiros**".

(2) Convidado pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim para o concurso do Instituto Politécnico de Macau, em agosto de 2011, participou do seminário comemorativo do cinquentenário do primeiro curso de licenciatura em português de toda a China, em que apresentou sua dissertação de licenciatura.

Em (1) e (2) temos a filiação da gramática, a posição que ocupa no campo científico, a linha a qual se filia (estudo sintático-estilístico) e os predicados do autor. Todas essas características geram uma predicação positiva em relação ao leitor da sinopse, o consumidor em potencial. Essas predicações são reforçadas em (3):

(3) Esta bem acolhida pelos **participantes**, na sua grande maioria **professores de português**, os quais incentivaram sua publicação, graças a seu **caráter atual** e sua contribuição para o conhecimento e ensino dos atos de fala diretivos, no domínio da expressão da ordem.

A "vantagem" que se tem em relação a obra é que ela não é qualquer gramática, mas uma obra "acolhida" por profissionais da área (professores de português), isso porque é atual e portanto, contribui para o ensino de LP do modo como é posto a partir da redemocratização.

(4) A arte de mandar trata sobretudo de uma reinterpretação das **antigas categorias** e, classes gramaticais, em função do valor que têm na frase. Consideremos o seguinte exemplo: encontram-se várias pessoas reunidas; uma delas prepara-se para cantar, mas as restantes continuam a falar; um dos ouvintes impõe-se e grita: "– Silêncio! Vai tanger a lira do poeta." (Conde Barão, 42)

(5) Orientados pelo ponto de vista **funcional** e pelas variadas formas de expressão linguística, verificaremos que o domínio da linguagem ativa ultrapassa em muito o plano gramatical do imperativo e do vocativo.

A orientação da obra é marcada, por um lado, em (4), por uma "reinterpretação de antigas categorias" (o tradicional operando no novo), o que denota certa filiação à tradição gramatical. Mas, em (5), temos a orientação atual, que condiz com as novas práticas de ensino proposta, por exemplo, o ponto de vista funcional e a variação linguística. Nesse caso, há um embate entre o que é gramatical (gramático)e o que está além do nível da frase (linguista).

(6) A **Lexikon Editora** publica *A arte de mandar em português* com o objetivo de mostrar a riqueza de formas de que dispõe a língua portuguesa para expressar a noção da ordem, buscando apoio teórico e documental fornecidos por textos literários de **autores portugueses e brasileiros.**

Em (6), a editora em questão, a Lexikon Editora, apresenta uma solução para que as pessoas possam "mandar" em português, já que disponibiliza ao mercado tal obra. Há, assim, o atravessamento do discurso mercantil (qualificações positivas): apresenta uma riqueza de detalhes, tem apoio nos textos literários (tradição), além de ter tanto autores brasileiros, como portugueses.

T7: Português básico e essencial – com exercícios

O título apresenta uma obra que trata de um português "básico" e "essencial", o não-dito "avançado", "prolixo", "excessivo" operam, supondo haver uma "metalinguagem". Supõem também uma LP complicada, inacessível a todos, principalmente, no que se refere a gramática normativa. Além disso, traz exercícios (forma imperativa na hierarquia do professor) o que denota certo caráter pedagógico (ORLANDI, 1996). Vejamos:

(1) *Português básico e essencial* é um **manual**, **acessível** e **prático**, para aqueles que desejam se instruir sobre as noções básicas da língua portuguesa. Nele, o professor Adriano da Gama Kury ensina as primeiras noções de sintaxe, fonética e fonologia, e as **regras essenciais** de ortografia e morfologia, visando **a familiarizar o leitor com a modalidade culta da língua**, necessária tanto em sala de aula quanto em situações do cotidiano e em atividades profissionais.

A obra, então, é posta enquanto um manual básico/acessível/prático e essencial para que se possa "familiarizar" com a norma culta. O que temos em (1) é que a norma culta não é acessível, não é de conhecimento de todos, e que a referida obra trará uma "solução" para as questões que são essenciais tanto ao ensino, como em situações cotidianas. O que direciona o produto a um vasto público consumidor.

(2) A obra **conserva a estrutura de uma gramática elementar completa**, e apresenta mais de 200 exercícios variados, uma antologia com textos de escritores conhecidos anotados e comentados, um glossário de palavras de classificação variável ou difícil e um "pequeno dicionário" com definições singelas e acessíveis, sinônimos e antônimos. Elaborados com cuidado meticuloso, os exercícios têm função de fixação e de verificação, e são acompanhados de exercícios de revisão gramatical e de aquisição de vocabulário, bem como sugestões de redações.

Em (2) aparece a palavra "gramática" enquanto um possível engajamento da obra, termo que foi "evitado" em primeira instância, embora seja especificado que o manual detém da gramática a estrutura, mas vai além ao apresentar "200 exercícios variados", "com textos de escritores conhecidos anotados e comentados", entre outras vantagens apresentadas em (2). Nesse sentido, de um lado há uma forte tradição gramatical que tenta ser ressignificada (exercícios de fixação, revisão gramatical), mas por outro lado, está ligado ao atual, à preocupação com o público contemporâneo, os vestibulandos, que procuram "sugestões de redações".

(3) Os textos assinados por autores como Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Rubem Braga e Graciliano Ramos reforçam o objetivo de **atender às necessidades de alunos e professores do ensino fundamental e médio** e de incitar o gosto pela boa leitura. Os alunos poderão, com a orientação de seus professores, exercitar a compreensão dos textos por meio dos exercícios, o que contribuirá para a construção da boa **expressão oral e escrita**.

Em (3) temos as filiações da obra, não é uma obra qualquer, mas uma obra composta por textos assinados por autores renomados da literatura brasileira, o que irá reforçar o objetivo do Manual: "atender às necessidades de alunos e professores do ensino fundamental e médio e de incitar o gosto pela boa leitura", atendendo ao ensino contemporâneo que lida tanto com a expressão escrita, como a expressão oral.

(4) *Português básico e essencial* é um instrumento compacto e completo de **grande valor** para o desenvolvimento da **intimidade** do aluno com a língua e para a **naturalização**

de seu uso no dia a dia, dentro e fora da sala de aula, finalidade fundamental do ensino da língua portuguesa.

O produto apresentado nesse lugar, marcado pelo discurso mercadológico, é essencial, compacto, completo e de grande valor para que o aluno tenha "intimidade" com a língua e a naturalize em seu cotidiano. Então, o que está posto é que a língua não faz parte do cotidiano do aluno, que é de responsabilidade do ensino de LP integrá-la e essa obra será eficaz para tal finalidade. Portanto, o discurso inovador é atravessado pela tradição.

T8: Gramática Mínima – para o domínio da língua padrão

Já no título, a gramática é qualificada enquanto "mínima", traz um sentido de resumida, básica. Em seguida, o título segue com: "para o ensino da língua padrão". Especifica, portanto, o caráter normativista da gramática. O objetivo é caracterizado pela preposição "para" e a finalidade é especificada em (1):

(1) Antônio Suaréz Abreu elaborou esta gramática para **esclarecer os porquês da língua portuguesa**.

Nessa sequência, o autor propõe "esclarecer os porquês da língua portuguesa", desse modo, o que temos é uma língua que gera dúvidas, "porquês", que devem ser esclarecidos para que haja domínio da "língua padrão". Além disso, língua e norma se confundem, já que não há uma língua padrão e uma não padrão, o que há é a normatização da língua. A obra é posta enquanto gramática, mas inovadora, já que difere de outras obras similares. Vejamos:

(2) Ao contrário de muitas das obras similares, a *Gramática Mínima* traz um texto **simples** e **direto**, **sem dogmatismos nem memorizações** desnecessárias.

Essa gramática, diferentemente de outras, traz um texto simples e direto, "sem dogmatismos, nem memorizações". Nesse ponto, temos uma crítica direta a tradição gramatical e ao ensino de LP pensado a partir de repetições, de exercícios de fixação, de memorizações e, também, de regras que regem a língua, que são consideradas "dogmatismos" na área da linguagem.

(3) **Conciso sem ser superficial**, este é um volume prático de consulta para quem trabalha diariamente com o português **oral ou escrito**.

Em (3), o inovador é ratificado pela preocupação com as duas modalidades da língua (oral e escrita) e novamente o discurso mercadológico atua, para certificar que a obra é prática e que embora seja concisa, não é superficial, nem ineficaz.

T9: Para uma nova gramática do português

O título lança sentidos para as outras regiões do texto, inicia com a preposição "para" que projeta uma relação de futuridade e segue com a SD "uma nova gramática do português". Então, a obra já se impõe enquanto um produto inovador, com finalidade de inovação no campo gramatical. E continua:

(1) **Ruim com ela, difícil sem ela**. Essa é muitas vezes a conclusão a que chegam os críticos da gramática tradicional, quando se descobrem desarmados diante da necessidade de apresentar alternativas viáveis para um conhecimento por muitos considerado **ultrapassado, incoerente e exageradamente simplista**.

Em (1) há a ressignificação de um jargão popular "ruim com ela, pior sem ela", próprio do discurso midiático, que utiliza de artifícios como esse para chamar a atenção do público. Essa sequência direciona para o objetivo da obra que não é excluir a gramática, como os críticos da gramática tradicional querem, por vezes, mas apresentar "alternativas viáveis" sendo protegido, munido, "armado" contra esse pensamento de exclusão da gramática. Apresentar essa obra que vai de encontro ao conhecimento "ultrapassado, incoerente e exageradamente simplista". Então, o inovador e o tradicional estão entrelaçados nessa sequência, se por um lado não se deve excluir a gramática, por outro há uma crítica aos seus métodos.

(2) Nesse volume, o professor Mário A. Perini, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, aponta as grandes linhas de uma linguagem gramatical capaz de expressar alguns dos resultados da pesquisa linguística atual relativa à análise do português.

Então, a obra está filiada à Linguística que "aponta as grandes linhas de uma linguagem gramatical capaz de expressar alguns dos resultados da pesquisa linguística atual" e vem devidamente marcada pela posição do linguista, principalmente, de um linguista renomado que:

(3) Explica de forma clara esses princípios, aplicados por ele a uma gramática do português intitulada Modern portuguese: a reference grammar, publicada pela Yale University Press. Ao evitar o uso da terminologia nova, que dificulta a leitura para os não iniciados

Mais uma filiação é posta em (3), a Universidade de Yale, que dá mais credibilidade ao produto, por ser uma instituição de relevância internacional. E por fim, em (4) é ratificada a "valiosa contribuição" da gramática para o ensino de LP. A saber:

(4) O autor presta **valiosa contribuição** ao debate sobre o ensino do português.

T10: Nova gramática do português brasileiro

Examinado de modo enunciativo, o texto aponta para um acontecimento que entrecruza diferentes posições (GUIMARÃES, 1996). Logo no primeiro parágrafo, o autor aponta para uma inovação no campo de produção gramatical perceptível no título da gramática: *Nova gramática do português brasileiro* e, em seguida ao pontuar que "não é mais uma gramática". Tem-se aqui duas questões que merecem destaque: a primeira é que o verbete "nova" aparece no parágrafo como parte integrante do título e na capa como algo periférico, separado do título:

Fonte: http://editoracontexto.com.br

(1) A *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba Castilho, não é "mais uma gramática", por vários e bons motivos: em vez de ser uma gramática da língua portuguesa, assume ser a gramática do português falado por quase 200 milhões de indivíduos no Brasil;

Já nessa configuração temos uma divisão do sujeito do saber metalinguístico. Vejamos: **"Em vez de** ser uma gramática da língua portuguesa, **assume** ser a gramática do português falado[...]". Essa divisão vem pelo discurso do "moderno", por exemplo, quando o autor menciona mais adiante que "esta gramática tomou outro rumo". Além disso, aponta para alguns grupos que têm interesse nessa área de estudos (a Linguística), haja vista se trata de

uma gramática do "português falado" e acrescenta dando ênfase a esse ponto, quando diz tratar-se de "quase 200 milhões de indivíduos no Brasil". Percebemos, nessa configuração, uma questão de identidade: não são quaisquer falantes, mas brasileiros. Adiante, é ratificada em (2):

(2) O livro procura dotar os brasileiros de um certificado a mais à sua identidade.

(3) É a obra da vida de **um dos mais importantes linguistas** que o país já produziu, Ataliba Castilho USP, Unicamp, pesquisador do CNPq, consultor do Museu da Língua Portuguesa, **líder de importantes equipes** que vêm mapeando a fala brasileira. Não por acaso a Fapesp associasse a esta edição, dando-lhe seu aval.

Em (3), o parágrafo funciona como um "encaixe informativo", a autoria é construída por predicações positivas. Esse recurso, próprio do discurso mercadológico, provoca efeito nas outras regiões do texto. Isto é, o sujeito leitor já adentra "o corpo do texto", a mancha gráfica, afetado por sentidos positivos. A predicação é devidamente marcada pela institucionalização, percebida nos trechos em negrito.

Há, ainda, uma atribuição da autoria, isto é, o autor não é significado apenas como indivíduo que escreveu o texto, mas como uma função discursiva do sujeito (ORLANDI, 2012). Nesse sentido, ele não é apenas quem escreveu a Gramática, mas "um dos mais importantes linguistas que o país já produziu", então, o sujeito é atravessado por essa FD, esse lugar que ele ocupa (linguista) e essas marcas projetam sentido para o todo do texto.

Por outro lado, a institucionalização aparece filiada: "Fapesp", filiação que é destacada pelo termo "não por acaso". Então, além de ser produzida por um linguista renomado, é patrocinada por uma Fundação pioneira de investimentos em pesquisa. Denota o caráter científico da obra em questão.

(4) Faltava clarificar a gramática do português brasileiro, para dar **status científico** a essa percepção. É o que se faz neste livro, fruto de **cinquenta anos de pesquisas**, desenvolvidas nas **três universidades oficiais paulistas** e em **várias universidades do exterior**.

(5) Os linguistas brasileiros conceberam a partir da década de 1970 grandes projetos coletivos, nos quais o autor se envolveu. Essa gramática **dá voz a esses pioneiros de uma nova forma de produzir ciência**. Suas pesquisas foram filtradas nessa gramática a partir de uma ótica própria, propondo seguidamente ao leitor que se envolva nas pesquisas, transformando-se no linguista-gramático dele mesmo.

Em (4) evidencia-se a predicação positiva dada Gramática e o "*status* científico"; não só no Brasil, mas também "em várias universidades do exterior". Então, observemos tanto em (4) quanto em (5) que o sujeito é construído em uma posição também dividida no campo da gramática – "linguista-gramático". Divisão marcada pelo discurso da NGB que direciona a autoria sobre assuntos relacionados à língua que deixa de ser uma posição do gramático e passa a ser discutida pelo linguista por possuir um conhecimento científico da língua (BALDINI, 1998).

(6) Essa não é uma gramática-lista, cheia de classificações

(7) Nessas gramáticas, não se vê uma língua, vê-se uma gramática.

(8) Nesta obra, o autor focalizou o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos listados. Ultrapassasse a **barreira** da descrição, encaminhando o olhar para o que ocorre também na linguagem mental, pré-verbal. Ultrapassasse a **fronteira** da sentença, pois o trabalho tem início no texto.

Ainda, em (6), (7) e (8) entra em funcionamento a formação discursiva do "atual". O efeito de sentido produzido é o lugar do "outro", em um passado na relação com os estudos gramaticais tradicionais que são "gramática-lista(s)", que "não vê uma língua" e é como uma "barreira" / "fronteira" para o avanço nos estudos de LP. Observemos como o discurso do moderno vem também para a divisão da gramática:

(9) As gramáticas habitualmente assumem o "estilo-revelação": uma afirmação é feita, o gramático se transforma numa espécie de Moisés que desce dos altos montes e revela aos povos estupefatos... o que está certo e o que está errado em sua linguagem!

Em (8) a crítica é marcada pela alusão a uma passagem bíblica. Em tom irônico, os gramáticos são comparados a Moisés e revelam algo "incontestável" (certo/errado). E continua em (10):

(10) A *Nova gramática do português brasileiro* se afastou desse tom monológico, optando por um diálogo em que se sucedem dois textos articulados, um expositivo, e outro indagativo.

Com efeito, o autor prioriza a descrição da língua – o "diálogo" – uma gramática "atualizada" que se afasta do "monólogo" normativo.

3.2 *Releases* sobre gramáticas da Língua Portuguesa

O *release* é um texto informativo vinculado ao discurso publicitário, uma vez que visa anunciar algo (nesse caso, gramáticas) ao público/consumidor. Como o *release* é também um comunicado de imprensa (*press release*), atravessam o texto sentidos jornalísticos e publicitários. Assim como ocorreu com as sinopses, o primeiro *release* (T11) também não aparece nomeado enquanto tal, ele é significado pelo lugar que enuncia, nesse caso: Notícias da UFMG. Também a partir das SD que o compõe, de início já temos o discurso mercadológico funcionando em "professor lança".

O segundo *release,* por sua vez, vem afetado pela posição que ocupa, marcado por esse lugar que é a imprensa. Já no cabeçalho, temos "PRESS RELEASE" (ver p. 77) e a filiação, a Parábola Editorial. Já nessa configuração, temos o sujeito que fala a partir da posição jornalista para o sujeito "aprendiz de gramática".

T11: Gramática: nunca mais – O ensino de língua padrão sem o estudo da gramática.

O título da obra já suscita muitos sentidos que circulam por todo o texto. Em destaque temos o termo "nunca mais" referindo-se ao ensino de gramática. Em letra diminuta temos: "O ensino de língua padrão sem o estudo da gramática". Então, temos uma divisão na própria gramática normativa, já que esta deve encarregar-se do ensino da norma padrão e, no enunciado, o estudo da língua aparece distinto e até excluso, sem a aplicação da gramática como prática pedagógica. Seguindo os parâmetros de um *release*, após o título, temos o *lead*. Vejamos:

(1) Professor da UFMG lança livro com metodologia para provar que **é possível aprender Português sem estudar gramática.**

De início, já temos uma filiação, a obra do professor da UFMG que prova que **é possível aprender Português sem estudar gramática.** Essa filiação aparecerá em (2) e na última seção do *release*[9]. Observemos:

[9] O autor Luiz Carlos de Assis Rocha é professor de Língua Portuguesa e Linguística da Faculdade de Letras da UFMG, onde dá aula, há vários anos, nos cursos de graduação e pós-graduação. Fez doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação da professora Margarida Basílio. Em decorrência desse doutorado, publicou o livro Estruturas Morfológicas do Português, em que aborda os problemas da morfologia da Língua Portuguesa sob o ponto de vista da gramática gerativa. O autor foi também professor do sistema estadual de ensino de Minas Gerais, tendo atuado nos cursos fundamental e médio por mais de 20 anos.

(2) Gramática nunca mais 2 é o título do mais novo livro do professor de Língua Portuguesa e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Luiz Carlos de Assis Rocha, que será lançado nesta quinta-feira, 17 de novembro, na livraria Mineiriana (rua Paraíba, 1416, Savassi).

Em (2) temos a região introdutória que além de apresentar a filiação do autor, mostra o objetivo central do *release* que é anunciar a segunda versão da obra que será lançada. Então, com devida formação e propriedade na área da Língua Portuguesa, o autor, a partir de uma metodologia específica (inovadora), "prova" que "é possível aprender Português sem estudar gramática".

(3) O livro traz nada menos que 270 exercícios que servem de base para **professores de Português** estruturarem suas aulas e ensinarem a disciplina sem precisar da gramática. O livro é indicado também para **pessoas que querem assimilar a língua padrão** sem o uso da gramática.

(4) Dividido em 32 capítulos, o livro traz modelos de exercícios sobre acentuação de palavras, uso do hífen, pontuação, crase, conjugação de verbos e também verbos complexos, denominados pelo autor como sendo verbos "com dupla personalidade", entre vários outros.

Proveniente do discurso mercadológico, em (3) e (4) há toda uma descrição da obra, bem como os possíveis interessados: professores de português e pessoas que querem assimilar a língua padrão. Ainda na parte descritiva, o autor apresenta, em (5), o "desafio" apresentado pelo livro, a saber:

(5) O desafio, então, foi fazer um livro com muitos **modelos de exercícios**, para operacionalizar o conteúdo do volume 1. "E agora, como vamos dar aula?, era a pergunta dos professores ao final da leitura do livro ou ao final das minhas palestras. Eles agora têm o livro, podem usar as atividades expostas e propor outras a partir delas.

(6) Não basta dizer que a gramática é ruim, é preciso propor um método que substitua seu uso", anuncia o professor. Gramática Nunca Mais 2 apresenta o estudo do Português de uma forma **atraente** e **provocativa**, não apenas por causa dos desafios que são apresentados no início de cada lição, mas, principalmente, por causa da versão **plug and play** dos exercícios.

O volume 2, então, vem suprir as fissuras deixadas pelo volume anterior, inclusive sendo recomendado para utilização pedagógica. Em (6) mais evidências de negação à

gramática por ser "ruim", por isso é preciso apresentar, na prática, "um método que substitua seu uso" e a obra se põe como substituta ideal, já que "apresenta o estudo do Português de uma forma atraente e provocativa", inovadora e prática com uma "versão *plug and play* dos exercícios", esse caráter da facilitação remete a Gramática **mínima** (T8).

Para que não haja falhas, o autor lança, em (7), ao professor também a "responsabilidade" para que haja eficácia, o discurso pedagógico atua nessa questão, do papel do professor no ensino, já que esse discurso é tende a ser autoritário, a homogeneização das práticas que serão "orientadas" pelo professor (informações são transmitidas pelo professor, cabe a ele "corrigir" o que é errado ou não dentro desse contexto) (ORLANDI 2000; 1996). Vejamos:

(7) Argumenta o autor na introdução do livro para, na sequência, **salientar a importância da presença do professor**. "Sua atuação é fundamental para explicar, orientar, esclarecer e, principalmente, para corrigir os exercícios".

E acrescenta: "Gramática é para linguistas e gramáticos! [...] Defendo que a gramática seja estudada profundamente no curso superior de Letras". Então, a gramática embora não sirva ao ensino de língua padrão, como quer o autor, "faz sentido para linguistas e gramáticos" e sua prática pedagógica deve restringir-se ao ensino Superior de Letras.

(8) A gramática nasceu há dois mil anos com os gregos. "A química, a física, por exemplo, passaram por várias transformações; a gramática não! E ela não dá conta de explicar a língua", argumenta o autor, explicando que uma lei de 1958 – **a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) – estabelece o que deve ser ensinado na escola**. "É uma camisa de força, uma prisão! A NGB foi um atraso. Ela impediu que a gramática acompanhasse o progresso. A solução para o ensino do Português é não ter nem NGB nem gramática".

Em (8) temos sentidos historicamente marcados, a instituição da NGB, que passa a estabelecer "o que deve ser ensinado", e implica um atraso, "uma camisa de força", "uma prisão", visto que outras áreas como a química e a física passaram por transformações e a gramática que "nasceu há dois mil anos" permanece na inércia e a NGB foi quem "impediu" esse progresso. O professor traz uma solução para o "caos" que além de propor "nunca mais" a gramática no ensino regular, "nunca mais" também a NGB como documento a ser seguido.

Ao classificar o estudo da gramática como "**profundamente perturbador** para o aprendizado" devido ao caráter criptográfico de sua teoria, ele defende que isso acaba infligindo medo e **repulsa nos alunos**. O que temos é que a gramática tem causado "medo" e

“repulsa”, já que seu estudo é “profundamente perturbador”. Após inúmeras críticas e argumentos contra o ensino de gramática, o autor traz a solução, vejamos:

(9) É preciso dotar o Português de uma prática realmente eficiente, que leve o aluno ao domínio da língua padrão. Na vida, só aprendemos algo por interesse ou por prazer”, salienta, alertando para o fato de que os conteúdos apresentados em sala de aula têm que ser atraentes e desafiadores para evitar um dos maiores males da educação brasileira, que é a evasão escolar. “Para que uma disciplina seja atraente e desafiadora, ela precisa ser lógica, compreensiva e racional. Não é o que se dá com a gramática.

Em (9) os sentidos que temos sobre a obra é que ela traz todas essas exigências para uma aprendizagem eficiente, que causa interesse e prazer, com conteúdos atraentes e desafiadores, pautados na lógica e “não é o que se dá com a gramática”.

T12: Gramática do português brasileiro

Com esses sentidos postos no título, temos um recorte do nacional, ou seja, uma questão de identidade nacional, pois a sequência “Gramática do português brasileiro”, já nessa configuração, temos a divisão própria do sujeito do saber metalinguístico da gramatização do português no Brasil pós NGB, que discute a unidade ou variedade do português do Brasil em relação ao português de Portugal (GUIMARÃES, 1996).

Em um primeiro gesto analítico, dividimos o documento em pequenas seções graficamente demarcadas. Nesse *release* temos: região periférica introdutória (cabeçalho e 03 sequencias enunciativas: título etc.), o corpo do texto com 8 parágrafos (os 4 primeiros são introdutórios, posto que nos levam ao objeto empírico – os 3 seguintes são centrais, descrevem o objeto; o 8º produz o efeito conclusivo) e a região periférica conclusiva traz duas notas: o *Autor* com uma síntese biográfica e *Serviço* com característica do volume. Considerando essa divisão empírica, o movimento analítico circulou pelo texto e alcançou divisões próprias da constituição do sujeito. O cabeçalho traz as marcas institucionais do documento: a logomarca da empresa (Editora Parábola), endereços etc. e a especificação do Gênero em uma tarja com o enunciado “*press release*”. Logo abaixo, temos uma sequência enunciativa marcada pelos sentidos próprios da notícia: a manchete.

(1) **Chega ao** mercado editorial **a primeira** Gramática do português brasileiro publicada no Brasil.

Em (1), percebe-se o discurso do novo, um acontecimento (GUIMARÃES, 2002), demarcado pelo enunciado "**chega ao**" e o recorte "**a primeira**". Esse acontecimento é direcionado "ao mercado editorial" e circunstanciado por um sujeito que enuncia a partir desse lugar/posição que é a editora.

Com esses sentidos, temos um recorte do nacional, ou seja, uma questão de identidade nacional, pois a sequência "Gramática do **português brasileiro** publicada **no Brasil"**, significa as gramáticas publicadas até então, como não sendo do Português brasileiro, mas de outro Português. A questão fundamental é que discute a unidade ou variedade do português do Brasil em relação ao português de Portugal (GUIMARÃES, 1996).

Em destaque, logo abaixo, temos o título da obra e o nome do autor que ressignificam a sequência anterior, mas agora com outro estatuto, o de autoria.

(2) GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO por Mário a. Perini.

Pela ordem, em outra sequência, também logo abaixo, a autoria é ressignificada em um recorte de notícia:

(3) O autor receberá no dia 04 de abril de 2010 **a Medalha Isidoro de Sevilha**, concedida pelo **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, que homenageia **o intelectual que mais contribuiu com estudos linguísticos no país.**

Em (3), que funciona como um "encaixe informativo", a autoria é construída por predicações positivas. Esse recurso, próprio do discurso mercadológico, provoca efeito nas outras regiões do texto, isto é, o sujeito leitor já adentra "o corpo do texto" afetado por sentidos positivos, essa predicação é devidamente marcada pela institucionalização," **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos".**

Em (4), (5), (6) e (7), na introdução, nos primeiros 04 parágrafos do texto, temos uma insistente repetição que constrói sentidos para o ensino e para certa gramática. Vejamos:

(4) Nas **aulas de gramática**, decoramos resultados, sem cogitar do método que levou à obtenção desses resultados. A **aula de gramática** não comporta perguntas embaraçosas, referentes a comos e porquês que não constam do livro adotado. O professor nunca precisa justificar a análise que ensina, tem apenas que reproduzi-la tal como a encontrou na bibliografia.

(5) Nas **aulas de gramática**, ***não se aprende gramática***, não se estuda **gramática**. Alunos (e os professores, que também são **vítimas do sistema**) não sabem **gramática**, não se interessam por **gramática**, detestam a **gramática**.

Observamos que a palavra *gramática* passa por um processo de reescrituração (GUIMARÃES, 2002), significando: língua, disciplina curricular, normativa ou norma padrão. Mas, nessa região do texto, a posição/sujeito do ensino é construída por sentidos que atravessam o enunciado "aulas de gramática". É uma posição significada por faltas e negações como vemos em síntese no quadro abaixo:

"Sem cogitar do", "não comporta", "não constam do", "nunca precisa", "tem apenas que", "não se aprende", "não se estuda", "não sabem", "não se interessam", "detestam a", "por desencorajar", "crença acrítica", "não justificadas".

Por outro lado, a própria insistente repetição do enunciado "aula de gramática" significa "esvaziamento de sentidos". Em resumo, tendo em vista, formações imaginárias dominantes relativamente ao ensino, a posição-sujeito é construída em um estado (discursivo) de coisas negativas:

(6) O **estudo de gramática**, tal como praticado atualmente, contribui para a **analfabetização científica** dos estudantes: por fornecer resultados sem focalizar os métodos de obtê-los; por, muitas vezes, lidar com **dados fictícios** (como quando se diz que a frase *me dá ele aí* "**não existe**"); por desencorajar a dúvida e o questionamento; por encorajar a crença acrítica em doutrinas aprendidas, mas não justificadas.

(7) **Diante desse cenário**, detectamos a necessidade urgente de **gramáticas atualizadas** em todos os níveis.

Em (6) e (7), esse funcionamento discursivo culmina em uma radical e paradoxal descrição do processo. O lugar do sujeito, em negrito, é a "analfabetização científica", ou seja, estamos diante de um estado de coisas em que a "ciência" opera em prol da desconstrução de relação com a realidade. Percebemos que o português do Brasil é posto como o "real", enquanto o outro português baseia-se em "dados fictícios", que "não existem". Essa divisão retoma o título, a afirmação do português do Brasil enquanto língua diferente, por exemplo, da europeia. Além disso, trata a tradição com uma valoração negativa: como "doutrina", imposição (que retoma o nosso processo de colonização e aculturação do colonizador Português em relação a colônia), em detrimento a inovação, representada pela *Gramática do português brasileiro*, uma vez que essa "justifica" os usos.

Então, toda essa situação prejudicial, esse "cenário" no âmbito do ensino precisa "urgente" ser atualizado. Embora, a questão não seja excluir a gramática do ensino de língua, mas produzir "gramáticas atualizadas". Trabalhos têm sido realizados nesse sentido, embora, não se tenha uma solução direta para as aulas de língua Portuguesa com "gramáticas atualizadas em todos os níveis", haja vista, ele especifique que a *Gramática* em questão é de nível universitário. Vejamos:

Em (8), entra em funcionamento a FD do "atual". O efeito de sentido produzido é o lugar do "outro" em um passado na relação com "os estudos gramaticais tradicionais" em (9).

(8) A *Gramática do português brasileiro*, de Mário A. Perini, é a primeira gramática do português brasileiro a ser publicada no Brasil – e a segunda no mundo, depois de outra obra também de autoria de Perini, *Modern Portuguese – A Reference Grammar*, publicada em 2002 pela Yale University Press. Em *Gramática do português brasileiro*, Perini elabora uma descrição em nível universitário do **português falado** no Brasil destinada a **alunos e professores de letras**, assim como a **professores de línguas** de todos os níveis. **Em breve**, esperamos, **estarão** disponíveis textos e exercícios que sigam a perspectiva aqui adotada, destinados aos **alunos de ensino médio e fundamental** i e ii, dentro dos objetivos que se aplicam ao ensino de gramática nesses níveis.

(9) A *Gramática do português brasileiro* está adaptada aos interesses e necessidades do leitor brasileiro e assume uma **atitude inovadora** quando comparada com **os estudos gramaticais tradicionais**. A ênfase aqui está posta na sintaxe e na semântica da oração, porque essas são áreas particularmente carentes no momento, além de serem aquelas em que o autor vem trabalhando intensivamente. Mas também são estudadas duas outras áreas importantes: a morfologia e a fonologia.

Observemos também que o público está dividido, o espaço dos "grupos interessados" é categorizado: professores de letras, professores de línguas de todos os níveis / alunos de letras. Mas não tem materiais a nível escolar. O locutor, então, acrescenta:

A sequência "em breve ...estarão", em (8), se junta a discursividade do "atual", do "novo", "inovador" construindo o processo em uma futuridade pelos sentidos de continuidade, de elaboração de mais material, que justifica a delimitação desse material enquanto "universitário" e projeta-se para novas publicações "inovadoras". Desse modo, retoma o discurso mercadológico, de consumo, próprio do gênero. Então, observemos que o sujeito é construído em uma posição também dividida no "campo da gramática". Ou seja, trata da "urgência" em se ter uma renovação no ensino, mas considera que essa gramática não deve ser empregada nas salas de aula.

Materialmente, o que temos é uma divisão que inclui certa Linguística que pode fazer uma gramática portuguesa "adaptada aos interesses e necessidades do leitor brasileiro" em detrimento dos "estudos gramaticais tradicionais". Destarte, como dissemos, há um lugar ocupado pela chamada "tradição gramatical" que é tida como "ficção", negativa (gramático) e um lugar inovador no campo da linguagem, considerado, por oposição ao anterior: "real", português "verdadeiramente" brasileiro (linguista). Então, o locutor direciona seu discurso a esse público, com o objetivo de alcançar maior número possível de interessados, com vistas a comercialização. Mas a questão central não é "eliminar" o estudo de gramática, mas atualizá-lo "em termos de formação científica", nesse caso, por quem tem conhecimento científico da língua, isto é, o linguista, temos nessa configuração uma posição que entrecruza os discursos tradicional e inovador (gramático-linguista).

Na periferia conclusiva, há duas notas: o *Autor* – com uma síntese biográfica, e *Serviço* –c om característica do volume. A primeira é parte da FD que institucionaliza a autoria como vimos em (3): predicações positivas para uma função discursiva do sujeito (ORLANDI, 2000). Por fim, os sentidos mercadológicos, vêm em "serviço".

O que temos no decorrer das SD são posições-sujeito próprias da materialidade histórica da gramatização brasileira (sobretudo, com a instituição da NGB, a Nova LDB e os PCN), são elas: a) Gramático - ligado a tradição gramatical, geralmente, tida como retrógrada, prejudicial; b) Linguista – afetado pelo discurso do novo, ligado à Linguística moderna; c)Gramático-linguista – com certa filiação a tradição, mas afetados Nova LDB e pelos PCN propõem a inovação no ensino e na produção das gramáticas; d) Nem gramático, nem linguista – também afetados pelas novas propostas de ensino, propõem uma inovação que não se filie nem a gramática normativa, nem a gramática descritiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar uma perspectiva histórica, a pesquisa nos coloca diante das questões mais relevantes da produção acadêmica contemporânea. Seja do ponto de vista teórico em relação a reflexões próprias sobre língua, linguagem, enunciação e discurso; seja em relação à parte metodológica, sobretudo, no tocante a realizações práticas propostas para o ensino.

A análise das peças que compõem o *corpus* apresentou questões bastante relevantes no que diz respeito a constituição do sujeito do saber metalinguístico, bem como uma compreensão mais aprofundada do processo de gramatização brasileiro, no recorte apresentado, e como essas questões são postas na mídia digital. Esses sentidos constituem lugar da gramática no ensino de LP, que foram problematizadas pela Linguística a partir dos anos de 1980, sobretudo, com a instituição da LDB (1996), dos PCN (1997), enfim, das propostas do "novo ensino".

Nesse percurso, que foi possível a partir da prática-teórica propostas pela AD, encontramos o sujeito dividido no campo gramatical, seja ligado à tradição, seja ligado às novas propostas de ensino. Essas questões surgem marcadas pelo discurso midiático, entendido como um lugar de interpretação, que projeta sentidos para outros campos, nesse caso, o ensino de LP. Além disso, consideramos as estruturas próprias do discurso mercadológico, já que os textos (sinopses e *releases*) circulam nesse lugar, com vistas à venda do produto/gramática.

Materialmente, o estudo apresentou, o sujeito gramatical dividido. De um lado temos a filiação proposta pela Linguística Moderna, considerada no campo da cientificidade, da legitimação, já que os documentos oficiais se filiam a esses modos de conceber a metalinguagem. De outro, também se filia a tradição gramatical. Nessa configuração, há uma questão de interdição, isto é, o discurso novo/atual (linguista) tenta apagar/interditar o tradicional, mas ele falha, deriva. Essa deriva é perceptível no *corpus* na classificação das obras, ao invés do termo "gramática", é preferível outras denominações, como: "Dúvidas em português nunca mais", "A arte de mandar em português", "Português básico e essencial".

Além disso, a posição-sujeito é afetada pelos discursos midiático e mercadológico. Esses discursos dão ainda mais visibilidade a essa divisão, a relação que se tem com a novidade que é própria do mundo pós-moderno, pois o consumidor em potencial não irá comprar uma gramática "ultrapassada", "antiga", que não está atualizada, então, o novo/renovado é definitivo na argumentação que faz o sujeito comprar. O discurso de

mercado atua justamente aí, a indústria funciona a partir dessas mudanças, ela "lança um produto" e para construir seu discurso justifica-se nos produtos antigos que são tomados como desatualizados, que não atendem as novas propostas legitimadas, "não servem mais" ao propósito do consumidor.

Outro ponto que esses discursos propõem é a facilidade, o consumidor irá adquirir um produto atual e prático, notemos as seguintes SD: "a gramática passou a ser consultada por toda a gente", "o livro é um guia prático", "é um manual acessível e prático", "traz um texto simples e direto". Além de atual, têm-se o instrumento como facilitador, denota a leveza e atende as "exigências" pós-modernas.

O ensino de LP, por sua instância, é afetado por essas posições. Se, de um lado temos a Nova LDB e os PCN representando as novas propostas de ensino, há também a tradição gramatical atuando. A exemplo disso, temos a mudança, na maioria dos instrumentos linguísticos vinculados ao ensino, do termo análise **sintática** para análise **linguística**, mesmo que as concepções e a estrutura se mantenham a mesma ou com pequenas adequações.

Assim, o estudo possibilitou categorizar as posições-sujeito em *gramático* e *linguista*, posições "primitivas". Sendo a posição *gramático* significada pela tentativa de negação à tradição gramatical, posta como prejudicial ao ensino, retrógrada, difícil, "maçante". E a posição *linguista* filiada à Linguística Moderna, tendo a NGB como marco e a instituição da Nova LDB e dos PCN.

Decorrente dessas posições, temos a posição *gramático-linguista* que evoca à tradição a partir de estruturas próprias da gramática tida como tradicional, mas propõe certas inovações no ensino e na produção das gramáticas. E a posição *nem gramático, nem linguista* que propõe uma ruptura com as duas posições primárias, propõem uma inovação que não se filie nem a gramática normativa (gramático), nem a gramática descritiva (linguista), mas com outras filiações, por exemplo, ligadas a Filosofia e a Lógica. Esses resultados estão sistematizados, de forma mais pontual, no quadro abaixo. Vejamos:

QUADRO I – Sistematização dos resultados

Posição sujeito	Gramático	Linguista	Gramático-linguista	Nem gramático, nem linguista
Descrição	Negação à tradição gramatical. É posta como prejudicial ao ensino, atrasada.	Discurso do atual – ligado à Linguística Moderna. Tem como marco a NGB e a entrada do linguista no campo que anteriormente era restrito ao gramático.	Ainda filiados à tradição, apresentam características da gramática tida como tradicional, mas propõe certas inovações no ensino e na produção das gramáticas.	Afetados pelas novas propostas de ensino, propõem uma inovação que não se filie nem a gramática normativa, nem a gramática descritiva, mas com outras filiações, por exemplo, ligadas a Filosofia e a Lógica.
Materialidade dessas posições	"Português e Gramática: Erros Nunca Mais" "Os principais Erros de Português e Como Se Vacinar Contra" "Dúvidas em português nunca mais" "Para uma nova gramática do português" "[...] gramática-lista, cheia de classificações" "Gramática: nunca mais– O ensino de língua padrão"" "O ensino de língua padrão sem o estudo da gramática" "[...] é possível aprender Português sem estudar gramática" "profundamente perturbador para o aprendizado" "[...] repulsa nos alunos" "Nas aulas de gramática, *não se aprende gramática*, não se estuda gramática. Alunos (e os professores, que também são vítimas do sistema) não sabem gramática, não se interessam por gramática, detestam a gramática." "O estudo de gramática, tal como praticado atualmente, contribui para a analfabetização científica [...]"	"O ensino de língua padrão sem o estudo da gramática" "Saber Português Hoje" "Gramáticas práticas" "A Gramática deixou de ser um pesadelo, e passou a ser consultada por toda a gente" "[...] ruptura, de maior ou menor peso, na tradição das gramáticas do português brasileiras" "Dúvidas em português nunca mais" "Guia prático e direto" "[...] familiarizar o leitor com a modalidade culta da língua" "sem dogmatismos nem memorizações" "Para uma nova gramática do português" "Essa gramática dá voz a esses pioneiros de uma nova forma de produzir ciência"	"*Suma* Gramatical da Língua Portuguesa – Gramática geral e avançada tem amparo em escritores não literários e fundamento filosófico." "[...] numa linguagem simples, mas correcta" "[...] reinterpretação das antigas categorias" "A obra conserva a estrutura de uma gramática elementar completa [...] são acompanhados de exercícios de revisão gramatical e de aquisição de vocabulário, bem como sugestões de redações." "Ruim com ela, difícil sem ela"	"[...] difere de todas as demais gramáticas disponíveis do mercado – quer sejam as de natureza mais propriamente normativista [...], quer sejam as de natureza descritivista [...]" "[...] à luz da lógica e da filosofia"

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado.* Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Ed. Presença, 1974.

AUROUX, S. A escrita. In: *A Filosofia da Linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, (SP): Ed. da Unicamp, 1998. p. 63-80

_____. A *Revolução tecnológica da gramatização*. Campinas (SP), Ed. da Unicamp,1992.

BAGNO, M. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. *Veredas*, rev. de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 5, n. 2, 2001, p. 71-83.

BALDINI, L. "A NGB e a autoria do discurso gramatical". *Rev. Instrumentos linguísticos*, n. 1, 1998, p. 97-107.

BERNARDO-SANTOS, W. J. Poética de Interfaces (I): A escrita em notas práticas para uma reflexão sobre autoria no ensino. In: BERNARDO-SANTOS; CARVALHO; LIMA (orgs): *Do oral e escrito*: Reflexões e práticas desenvolvidas no Programa de Iniciação à Docência em Língua Portuguesa (PIBID/SERGIPE). São Cristóvão (SE): Ed. da UFS, 2014.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em<w.mec.gov.br>. Acesso em: 17 jan. 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.126p.

DIAS, L. F. "Articulação sintática em gramáticas brasileiras do século XIX". *Letras Santa Maria*, v. 18 n. 2. 125-134. jul./dez. 2008.

DUARTE, J. Release: história, técnica, usos e abusos. In: _____ (Org.). *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia*: teoria e técnica. São Paulo: Atlas, 2010, p. 307-324.

FÁVERO, L. "Gramática é a arte...". In: *História das idéias linguísticas*: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Pontes: Campinas (SP): 2001, p. 59-70.

GREGOLIN, M. R. *Análise do discurso e mídia*: a (re) produção de identidades. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol.4, n.11, p.11 – 25. nov. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/view/5006/4630 >. Acesso em: 02 nov. 2015.

GUIMARÃES, E. "Enunciação e acontecimento". In: _____. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Pontes, Campinas (SP), 2002, p. 11-32.

_____. “Sinopse dos estudos do Português no Brasil”. In: _____; ORLANDI, E. *Língua e cidadania*: o Português no Brasil. Campinas (SP): Pontes, 1996, p. 127-138.

ORLANDI, E. “Segmentar ou recortar?”. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) *Lingüística*: Questões e Controvérsias. Série Estudos, n. 10, Uberaba, Fiube, 1984.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas (SP): Pontes, 2000.

_____. *Língua e conhecimento linguístico*: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo (SP): Cortez, 2002.

_____. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.* 5. ed. Campinas (SP): Pontes, 2007.

_____. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos.4 ed. Campinas (SP), Pontes, 2012, p. 73-98.

PÊCHEUX, Michel. A Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. p. 61-161.

_____. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997a. p. 311-318.

_____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997b.

_____. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 163-252.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola.* Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil; Mercado de Letras, 1996.

ANEXOS

ANEXO I – QUADRO DE REFERÊNCIAS PARA ANÁLISE (QRA)

QUADRO DE REFERÊNCIAS PARA ANÁLISE – QRA[10]
DIMENSÕES – PRINCÍPIOS (com bibliografia básica)

1. DOCUMENTO

Especificidades do artefato. Modos de tratar, de conceber, de considerar a materialidade empírica. A descrição de traços gerais e específicos da peça do processo em foco (regiões periféricas: o volume, o livro, prefácios, notas, orelhas; sinopses, entrevistas etc.). Os sentidos próprios da peça enquanto parte de uma papelada mais ampla. Suas especificidades tendo em vista o próprio arquivo do projeto. Considerações de ordem teórico-metodológica. A noção de texto: dispersão, recorte e efeito de unidade (ORLANDI, 2001). A intervenção da escrita e o Modelo Clássico de Exposição de Estudos – MCEE (BERNARDO-SANTOS, 2008).

2. HISTÓRIA

A noção de gramatização (AUROUX, 1992, 1998); quadro cronológico e de acontecimentos: fatos políticos, legislativos, publicações; orientações teóricas etc. Efeitos próprios da instrumentação; a noção de história pensada a partir da relação estrutura/acontecimento (PÊCHEUX, 1997). Conceituação de gramática, objeto e divisões (FAVERO, 2001). Considerações acerca da gramatização específica do Português do Brasil (GUIMARÃES, 1996). Os efeitos de sentido próprios da NGB-1959 (BALDINI, 1998) e o processo de redemocratização: ano de 1980, sobretudo, 1990 à atualidade. As mudanças nos instrumentos lingüísticos, nos artefatos de um modo geral: gramáticas, dicionários, livros didáticos etc.

3. DISCURSO

A análise propriamente dita; a inscrição na língua, o fluxo lingüístico, o intradiscurso. As categorias da Análise do Discurso: Formação Discursiva, o Interdiscurso; a materialidade da linguagem e do discurso; slogans e fórmulas; enunciação, constituição do sujeito e a noção de autoria; as posições construídas: o filólogo, o gramático, o lingüista/cientista, o estudioso, o pesquisador, o professor, etc.

[10] Esse quadro é parte dos trabalhos em desenvolvimento no âmbito do projeto "GRAMATIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: um estudo enunciativo sobre a constituição do sujeito na história das gramáticas do entorno da Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959" coordenado pelo Prof. Dr. Wilton James Bernardo-Santos/UFS/DLEV/PPGL. Grupo de pesquisa: LED – Linguagem, Enunciação e Discurso para o ensino da Língua Portuguesa. http://led-ufs.net/. O objetivo é apontar um roteiro de princípios nas dimensões básicas do projeto.

4. ENSINO

Concepções e implicações relativas às políticas públicas e às práticas próprias do ensino (outros instrumentos e documentos – materiais didáticos, exames, avaliações etc.). Leis, currículos, diretrizes e parâmetros. As contradições que afetam de modo inequívoco a produção do conhecimento: os efeitos restritivos.

1. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
ALVES, F. J. *Fontes para a história de Sergipe colonial: séculos XVI-XVIII*. São Cristóvão, SE, Editora da UFS, 2012.
AUROUX, S. *A Revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
_____. *Filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
BALDINI, L. "A NGB e a autoria do discurso gramatical brasileiro". In: Guimarães & Orlandi (orgs.). *Revista Línguas e Instrumentos lingüísticos*. Campinas, SP, Pontes, 1998.
BERNARDO-SANTOS. *Intervenção da escrita: um estudo do político enunciativo na institucionalização da Lingüística Moderna no Brasil*. Tese (doutorado). Orient. Prof. Dr. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: IEL/Unicamp, 2008.
_____. "Europa e África: o entretanto da língua nacional em Casa Grande & Senzala". In: http://www.iel.unicamp. br/revista/index.php/seta/article/viewFile/254/216, 2007.
_____. "Intervenção da escrita: enunciação e razão gráfica. In: Corrêa, Bezerra & Cardoso. *O texto em perspectiva*. São Cristóvão, SE, Editora da UFS, 2009.
_____. "Intervenção da escrita: uma nota para o esquecimento em *Raízes do Brasil"*. In: http://www.revistalinguas.com/edicao21/revista_linguas_21.pdf, 2009.
_____. *Introdução às Teorias do Discurso*. São Cristóvão, SE, UFS/CESAD, 2009.
BUENO, F. S. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958.
BUESCO, M. L. C. *O estudo das línguas exóticas*. ICALP – Coleção Biblioteca Breve, v. 71, 1983.
CASTILHO, A. "O Português do Brasil" In: Ilari, R. *Lingüística Românica*. São Paulo, Ática, 1992.
ELIA, S. (1940). *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro, MEC, 1961.
FAVERO, L. L. *As concepções lingüísticas no século XVIII*. Campinas, SP, 1996.
_____. "Gramática é a arte...". In: ORLANDI, E. (org.) *História da Idéias Lingüísticas*: *Construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, Pontes/Unemat Editora, 2001.
FEBVRE, L. "Contra « duas filosofias oportunistas da história : de Spengler a Toynbee » (1936). *Lucien Febvre : história*. Trad. Maria Elisa Mascarenhas; Carlos Guilherme Mota (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, coord. Florestan Fernandes. Ática, 1992.
FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Universitária, 2004.
_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
GADET, F. et HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Edunicamp, 1990.

GUILHAUMAU, J. & MALDIDIER, D. “Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso”. In: *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
GUIMARÃES, E. *Língua e Cidadania*. Campinas, Pontes, 1996.
LE GOFF, J. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da Unicamp, 1990.
KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
MACIEL, M. (1910). “Breve retrospecto sobre o ensino da língua portuguesa”. In: Guimarães, E. *Revista Relatos*, nº 3, IEL/Unicamp, 1996.
MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba, PR: Edições Criar, 2005.
MELO, G. C. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, FGV, 1975.
ORLANDI, E. (org.) *História da Idéias Lingüísticas*: *Construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, Pontes/Unemat Editora, 2001.
_____. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1997.
_____. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos.* 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.
_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP, 2001.
_____. & Guimarães, E. (Orgs.) *Institucionalização dos Estudos da Linguagem*. Campinas, Pontes, 2002.
PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et all. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. (Coleção Repertórios).
_____. (1990) “Delimitações, inversões, deslocamentos”. In: GERALDI & ORLANDI (Orgs.), *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, jul./dez.,v. 19, p. 7-24.
_____. “Análise do discurso: três épocas” (1983). In: GADET, F. et HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Edunicamp, 1990, pp. 311-318.
_____. *O discurso, estrutura ou acontecimento* [trad. Eni Orlandi]. Campinas, SP, Pontes, 1997.
PINTO, E. Pimentel. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, *v.1[1820/1920*], 1978 e v.2 [1920/1945], 1981.
ROBIN, R. *História e Linguística*. São Paulo, SP, Cultrix, 1977.
SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª ed. rev. e ampl. São Paulo, SP, Cortez, 2000.

2. REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo, Editora contexto, 2008.
DUCROT, O. & TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 1998.
FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. - 49ª - São Paulo, SP, Global, 2004.
HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ªed. São Paulo, Cia. das Letras, São Paulo, SP, 1995.
RANCIÈRE, J. *Os nomes na história: um ensaio de poética do saber*. Trad. Guimarães, E. & Orlandi, E. São Paulo, Pontes/Educ, 1994.
STAROBINSKI, J. *As Máscaras da Civilização*. São Paulo, Companhia das Letras.
VELOSO, M. & MADEIRA, A. “Gilberto Freyre: uma leitura crítica”. In: *Leituras brasileiras: itinerários do pensamento social e na literatura*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.http://www.unicamp. br/iel/hil/producao.html

ANEXO II – QUADRO DE DOCUMENTAÇÃO DA GRAMATIZAÇÃO BRASILEIRA (QDGB)

QUADRO DE DOCUMENTAÇÃO DA GRAMATIZAÇÃO BRASILEIRA (QDGB) [11]
INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS

ACADÊMICAS

São volumes que abrigam interesses mais amplos, mais gerais; se põe como fonte de consulta; são obras de referência; O foco da pesquisa são as publicações e republicações de várias gramáticas normativas do entorno da Nomenclatura Gramatical Brasileira/1959 (Bechara, 1961; 1999; Castilho, 2001; Neves, 2000; Rocha Lima, 2000);
Também as gramáticas dos usos do português culto do Brasil contemporâneo. O link também leva a gramáticas descritivas voltadas para o uso da língua que se querem enquanto "resultados de pesquisas e estudos" (PERINI, 1985).

ESCOLARES

São volumes que abrigam interesses mais voltados para o ensino; se põe como objeto da aula de língua portuguesa; estão no conjunto dos materiais didáticos. Muitas vezes são versões de que autores/editoras fazem das acadêmicas (caso de Bechara).
Ou estão no conjunto dos artefatos dos autores de livros /materiais didáticos. As próprias seções dedicadas aos instrumentos linguísticos. Trazem sínteses das gramáticas acadêmicas resultados de pesquisas e estudos. Trazem "Exercícios", "atividades com textos", "questões de vestibulares". Exemplo: *Gramática da Língua Portuguesa* de MESQUITA, R. M. (2012).

PROFISSIONALIZANTES

São instrumentos especificamente dedicados a atividades profissionais. Por exemplo, manuais de jornalismo, de comunicação oficial (NEY, J. L. Prontuário de redação, 1976). *Manual de Redação da Presidência da República* / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor José Forster Júnior. – 2. ed. rev. e atual. – Brasília: Presidência da República, 2002.
Instrumentos de como "falar bem" em público, o no chamado mundo corporativo institucional etc.
Como falar em público: técnicas de comunicação para apresentações de BLIKSTEIN, I. São Paulo, SP, Ática, 2006.

RELIGIOSOS

São instrumentos para "preparar todos os 'homens fiéis', os que ouviram a palavra de Deus e provaram sua fé nela para 'serem capazes de ensinar outros'... Visa o fim único de tornar cada qual... mais bem equipado para apresentar publicamente a esperança que tem" (*Curso do Ministério Teocrático*, p.4).
Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático. Editoras Watchtower Bible and Tract Society of New York, inc. brooklyn, new york, u.s.a. Associacão Torre de Vigia de

[11] Esse quadro é parte dos trabalhos em desenvolvimento no âmbito do projeto em formato HTML.

Bíblias e Tratados, 2012. disponível em < http://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/>

TURÍSTICOS

São instrumentos linguísticos para LE. Impressos encontrados em livrarias e bancas de jornal e também em cursos online. Especialmente pensados para a comunicação básica quase restrita a formalidades padrão e peculiaridades da língua e, se for o caso, da cultura do outro.
Guia de idiomas: francês + fácil para comunicar-se. [Trad. Maria Alice Farrah]. São Paulo, SP, Larrousse do Brasil, 2006.

ANEXO III – Sinopse de Português e Gramática: Erros Nunca Mais

Home > Idiomas

Português e Gramática: Erros Nunca Mais – os principais erros de português e como se vacinar contra eles

Autor: Ivo Korytowski
Categoria: Idiomas
Edição: 1ª
Número de páginas: 144
ISBN: 978-85-7608-529-4
De: ~~R$39,00~~
Por: R$35,10 -10%

Baixar capítulo de amostra
Enviar ou ler errata

Sobre o Livro

Todos sabemos que precisamos evitar os erros de português. Falar é fácil. Mas como fazer na prática? São tantas as armadilhas, e encarar uma gramática maçante ou um livro escolar complicado desanima. Será que existe uma maneira prática de aprender a driblar esses erros?

Em Erros nunca mais, Ivo Korytowski mapeia os erros de português mais comuns, quantifica a frequência com que são cometidos, especialmente na Internet – nossa atual fonte de pesquisa rápida –, e, por meio de explicações lógicas e de pequenos exercícios, ensina como evitá-los.

Ao terminar a leitura deste livro, você ficará vacinado contra os erros de português habituais, e estará mais apto, mais capacitado, para enfrentar uma prova, um concurso, a vida profissional, a vida em geral.

Mas lembre: a língua é um organismo vivo, em constante mutação. O português de hoje não é o mesmo do tempo dos trovadores medievais, ou do tempo dos poetas românticos. O que hoje é gíria amanhã pode se tornar palavra dicionarizada. Este livro está totalmente adaptado ao Acordo Ortográfico dos países da Língua Portuguesa, que passou a vigorar no Brasil em 2009.

Sobre o(s) Autor(es)

Ivo Korytowski, lexicólogo (mantém um dicionário de tradução inglês-português no Babylon) e apreciador da língua e da literatura portuguesa, graduou-se em Filosofia pela UFRJ. É tradutor de mais de cem livros de variados assuntos e autores, como Stephen Hawking, J. K. Galbraith, Richard Bach, Nadime Gordimer, Paul Auster e Irvin Yalom. É autor de Édipo (premiado pela UBE-RJ), A arte da escrita, Manual do poeta, Português e gramática: Erros nunca mais e outros livros.

Curtir
Tweet
Envie por e-mail
Comente
Imprimir a Página
Newsletter
Digite seu e-mail aqui

ANEXO IV– Sinopse da Suma Gramatical da Língua Portuguesa

A Suma Gramatical da Língua Portuguesa é uma gramática com dois importantes diferenciais: tem amparo em escritores não literários e fundamento filosófico, dirigindo-se tanto ao interessado em conhecer melhor sua própria língua, quanto ao estudioso que pode beneficiar-se de uma abordagem teórica pouco comum. A Suma Gramatical difere de todas as demais gramáticas disponíveis do mercado – quer sejam as de natureza mais propriamente normativista (aquelas que pretendem dizer como a língua deve ser), quer sejam as de natureza descritivista (aquelas que, alimentadas pelos estudos linguísticos, se limitam a descrever os usos da língua). Que as chamadas gramáticas tradicionais têm inconsistências é algo amplamente reconhecido. Por exemplo: todas dizem que sujeito e predicado são os termos essenciais da oração. Mas, depois, abordam as chamadas orações sem sujeito. Ora, ou não há orações sem sujeito, ou sujeito não é um dos termos essenciais da oração. A principal diferença desta Suma Gramatical é que Carlos Nougué não procura resolver tais inconsistências à luz da moderna ciência linguística, mas à luz da lógica e da filosofia.

Título: Suma Gramatical Da Língua Portuguesa
Subtítulo: Gramática Geral E Avançada
Autor: Carlos Nougué
Editora: Editora É Realizações
Edição: 1
Ano: 2015
Idioma: Português
Especificações: Brochura | 608 páginas
ISBN: 978-85-8033-203-2
Peso: 1010g
Dimensões: 230mm x 160mm

Últimos produtos visualizados

Comprar

Mini Gramática Completa
De: R$18,90
Por: R$17,90

Livraria da Folha
Quem somos
Política de segurança
Afiliados

Central de atendimento
Fale conosco
Minha biblioteca
Meus pedidos
Dúvidas frequentes
Política de Trocas e devoluções
Lista de desejos

Televendas
0800-140090
(Telefones fixos)
(11) 3224-4700
(Celulares)
Segunda a sexta, das 9h às 18h.
Sábados, das 8h às 16h.

Visite a Livraria nas redes sociais

OURO ebit Ótima 09/09/16

Formas de Pagamento
O pagamento será gerenciado pelo PagSeguro, **saiba mais.**
Crédito
Débito
Boleto

Powered by
Todas as transações efetuadas na Livraria da Folha estão protegidas por uma chave de segurança certificada, homologada pela Certsign.

Atenção: Os preços, as condições de pagamento, os valores dos fretes e a disponibilidade dos produtos podem sofrer alterações sem aviso prévio.
Os valores anunciados não incluem frete e não são cumulativos com outras promoções oferecidas pelo site.

Livros
Bebidas e tabacaria
Bichos
Carro, moto, barco e avião
Casa e jardim
Ciências biológicas
Ciências exatas

Filmes e Séries
Blu-ray
Shows
Boxes e Coleções
Cinema Americano
Cinema Asiático
Cinema Brasileiro

Shows
Boxes Colecionáveis
Coletâneas Country
Dance e Música Eletrônica
Gospel / Religioso
Hard Rock / Metal
Infantil

Games
Playstation 2
Playstation 3
Playstation Portable
Wii U
Xbox 360

Loja da Folha
Tributo a Tom Jobim
O Mundo da Cerveja

Encontre aqui o que procura...
Todo o site
Buscar
Meu Carrinho
0 item R$ 0,00

ANEXO V– Sinopse de Saber Português Hoje : Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa

NEWSLETTER MARKETPLACE BILHETEIRA CULTURA FNAC KITS EXPERIÊNCIA LAB FOTO FNAC PRO AJUDA CARTÃO FNAC

Livros OK A Minha Conta 0 O meu cesto

Regresso às aulas | Livros, eBooks Papelaria | Música, CDs DVDs, Vinil | Instrumentos Musicais | Filmes Séries TV | Gaming Videojogos | Kids, Jogos Brinquedos | Casa, Cozinha Decoração | Informática Software | Smartphones e Conectáveis | Imagem, Tv Home Cinema | Som, Hi-Fi iPod e Colunas | Foto e Vídeo | Desporto, Saúde Bem-Estar

» Livros » Saber Português Hoje : Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa

ZOOM

Saber Português Hoje : Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa

OLIVEIRA, LUISA E LEONOR SARDI, Luísa Oliveira, Leonor Sardinha

Edição em Português Publicado em 01/2005

Disponível

Gramáticas práticas, numa linguagem simples mas correcta. Com esquemas muito acessíveis, são adoptadas nas escolas e na vida corrente. Todas as regras da escrita e da fala, todas as dúvidas, encontram a resposta certa. A Gramática deixou de ser um pesadelo, e passou a ser consultada por toda a...
Ler mais

Seguir artigo 1

Seja o primeiro. Dê a sua opinião

Recomendar Partilhar 0

Outros Vendedores

1 produto usado a partir de 15 €

Venda o seu

[X] FECHAR

Gramáticas práticas, numa linguagem simples mas correcta. Com esquemas muito acessíveis, são adoptadas nas escolas e na vida corrente. Todas as regras da escrita e da fala, todas as dúvidas, encontram a resposta certa. A Gramática deixou de ser um pesadelo, e passou a ser consultada por toda a gente.

Descrição: Saber Português Hoje : Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa

Gramáticas práticas, numa linguagem simples mas correcta. Com esquemas muito acessíveis, são adoptadas nas escolas e na vida corrente. Todas as regras da escrita e da fala, todas as dúvidas, encontram a resposta certa. A Gramática deixou de ser um pesadelo, e passou a ser consultada por toda a gente.

Ficha detalhada : Saber Português Hoje : Gramática Pedagógica da Língua Portuguesa

Autor	OLIVEIRA, LUISA E LEONOR SARDI, Luísa Oliveira, Leonor Sardinha
Editor	Didáctica
Data de lançamento	janeiro 2005
Coleção	Gramáticas
ISBN	9789726506638
EAN	978-9726506638
Dimensões	20 x 26 x 1,9 cm
Nº Páginas	256
Encadernação	Capa Mole

Portes : Produto Editorial

Os produtos Fnac.pt estão classificados por família logística segundo o seu peso e volume. A família está indicada na ficha de cada produto. Ver detalhes

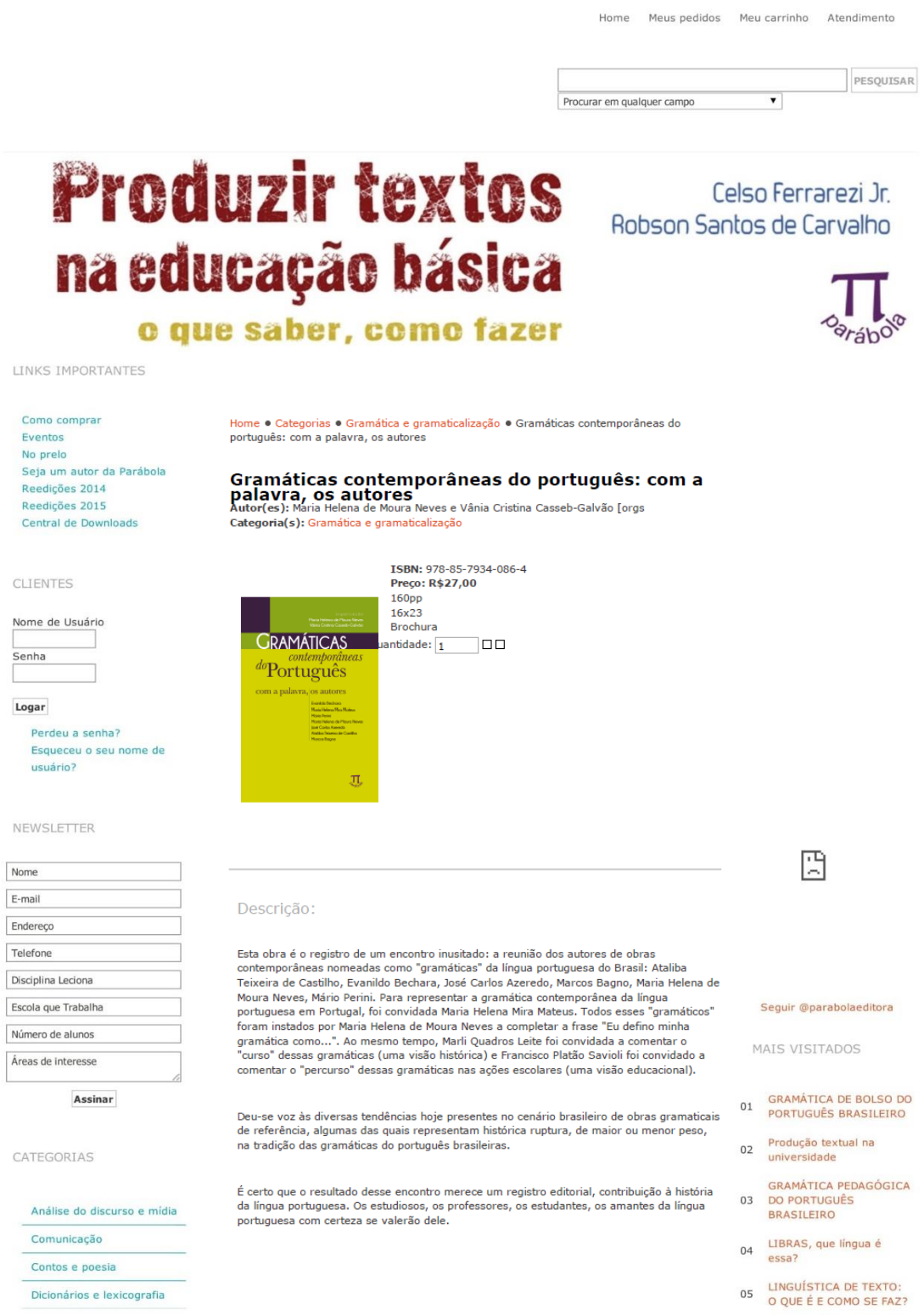
Ver também

Dicionários/Gramáticas > Gramáticas de Português

Enviar esta página a um amigo

A Fnac.pt colocou cookies no seu computador para lhe proporcionar um melhor serviço e uma melhor experiência de navegação. Ao continuar a navegar no nosso site está a consentir a sua utilização.
Pode alterar as suas definições de cookies a qualquer altura. Saiba mais aqui.
[Não mostrar esta mensagem novamente]

ANEXO VI[12]– Sinopse de Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores



12 http://www.parabolaeditorial.com.br/website/index.php?page=shop.product_details&flypage=flypage.tpl&product_id=211&category_id=35&option=com_virt%E2%80%A6

- Educação
- Ensino médio
- EJA
- Ensino Fundamental I
- Ensino Fundamental II
- Gêneros textuais
- Gramática e gramaticalização
- Ensino de línguas
- Escrita
- Estrangeirismos
- Filosofia
- Filosofia da linguagem
- Fonologia
- Formação do professor de língua portuguesa
- História oral
- Letramento
- LIBRAS
- Linguagem
- Linguística
- Linguística computacional
- Linguística histórica
- Linguística textual e produção de textos
- Literatura
- Literatura - Estudo e ensino
- Metáfora
- Morfologia e sintaxe
- Pesquisa e metodologia
- Português brasileiro
- Pragmática
- Semântica
- Semiótica
- Sociolinguística
- Tradução
- Verbos

Maria Helena de Moura Neves é licenciada em Letras (Português-Grego e Alemão) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, doutora em Letras Clássicas (Grego) pela Universidade de São Paulo e livre-docente (Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Bolsista de Produtividade em Pesquisa — nível IA do CNPq, é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da UNESP — Araraquara. É autora, entre outros, dos livros Guia de uso do português. Confrontando regras e usos, 2012 [2003]; Gramática de usos do português, 2011 [2000]; Texto e gramática, 2011 [2006]; Ensino de língua e vivência de linguagem, 2010; Gramática na escola, 2010 [1990]; Que gramática estudar
na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa, 2009 [2003]; A vertente grega da gramática tradicional. Uma visão do pensamento grego sobre a linguagem, 2005; A gramática: história, teoria e análise, ensino, 2002; A gramática funcional, 2001 [1997]. É coautora dos dicionários: Dicionário grego-português (5 vols., 2006; 2007; 2008; 2009; 2010), do qual foi também uma das três coordenadoras; Dicionário UNESP do português contemporâneo, 2005; Dicionário de usos do português, 2002; Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil, 1997 [1990]. Coordenou a equipe Sintaxe I do projeto Gramática do Português Falado (sob direção de A. T. de Castilho), e, com R. Ilari, coordenou o volume II (2008) da série Gramática do português culto falado no Brasil. É membro da equipe que elabora o Grande dicionário do português do Brasil. É membro do conselho editorial de 18 revistas especializadas e consultora de seis fundações de apoio à pesquisa.

06 Resumo

07 Multiletramentos na escola

08 Análise de textos - fundamentos e práticas

09 Letramentos múltiplos - Escola e inclusão social

10 Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português

Vânia Cristina Casseb-Galvão é professora da faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde atua na graduação e na pós-graduação. É pesquisadora do CNPq. Atua na área de Teoria e Análise linguística em um viés funcionalista, com ênfase na descrição do português brasileiro. Fez mestrado na UNICAMP e doutorado na UNESP - Araraquara. Foi supervisionada por Lachlan Mackenzie em estágio de pós-doutorado no Instituto de Linguística Teórica e Computacional (2010). Tem inúmeros artigos publicados em revistas especializadas, inúmeros capítulos em livros, é coorganizadora e coautora de Introdução à gramaticalização (Parábola Editorial (2006). Presidiu o IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (2013).

Comentários de Clientes:

Ainda não há comentários para este produto.
Por favor faça o seu login para escrever um comentário.

Produtos Vistos Recentemente

Estudos de gramática descritiva - as valências verbais (Categoria: Lingua[gem])
GRAMÁTICA DE BOLSO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (Categoria: G)

Copyright © 2005 - 2015 Parábola Editorial.
Solution Provider: Cinco Cores

NOVO ENDEREÇO: RUA DR. MÁRIO VICENTE, 394
IPIRANGA | 04270-000 | SÃO PAULO, SP
PABX: [11] 5061-9262 | 5061-9075

ANEXO VII– Sinopse de Dúvidas em português nunca mais

Lexikon | *obras de referência*

Início Catálogo Lançamentos Onde encontrar Evento Busca ...

Dúvidas em português nunca mais

3ª edição revista e ampliada com exercícios
Guia prático e direto para os usuários da língua portuguesa

Acontecimentos importantes no campo da língua portuguesa, bem como sugestões de leitores, ocorreram desde a primeira edição do *Dúvidas em português nunca mais*, e as autoras consideraram oportuno e necessário lançar esta nova edição, atualizada pela nova ortografia e acrescida de exercícios de fixação.

O livro é um guia prático e direto na solução de questões linguísticas, com base no padrão formal escrito da língua. Não é um dicionário de dificuldades, nem uma gramática, mas um manual de esclarecimento às dúvidas que frequentemente angustiam o usuário da língua no ato da comunicação. São 15 capítulos, cada um deles iniciado com uma apresentação do assunto, à qual segue um tira-dúvidas — perguntas e respostas explicativas, formuladas a partir das dificuldades mais frequentes que acometem o usuário — e um conjunto de exercícios de fixação dos conteúdos apresentados. Para aprofundar alguns conhecimentos criou-se a seção saiba mais. Integra o livro um índice remissivo, pelo qual o usuário poderá chegar rapidamente à página com a solução da dúvida.

rubrica ou *rubrica? comprimento* ou *cumprimento? porque* ou *por quê? asterisco* ou *asterístico? parêntese* ou *parêntesis? quis* ou *quiz? vem, vêm* ou *veem? abjurar* ou *ab-jurar? bom-dia* ou *bom dia? semivogal* ou *semi-vogal? água de coco* ou *água-de-coco? o personagem* ou *a personagem? couve-flores* ou *couves-flor? conosco* ou *com nós? adequa* ou *adéqua? leiamos* ou *leamos? reouve* ou *reaveu? vem cá* ou *venha cá? contudo* ou *com tudo? em cores* ou *a cores? aferir* ou *auferir? à toa* ou *a toa? o champanhe* ou *a champanhe? coser* ou *cozer? atento a* ou *atento em? o alface* ou *a alface?*

Com este livro, dúvidas em português nunca mais…

Autoras: Cilene da Cunha Pereira, Edila Vianna da Silva e Regina Célia Cabral Angelim
ISBN: 978-85-8636-867-7
Gênero: Obras de referência
Páginas: 288
Formato: 13,8×21 cm
Preço: R$ 71,00

» **COMPRAR**

vendas@lexikon.com.br

Não há comentários, seja o primeiro a comentar

Nome (necessário)

E-mail (necessário)

Website

Enviar

TÓPICOS RECENTES

- Nova gramática para concursos – Sumário
- Thesaurus essencial – uso em sala de aula
- Manual da boa escrita – Diário Catarinense
- Aulete Digital fora do ar
- Oficina de Escrita Criativa

LEXIKON NO FACEBOOK

Lexikon Obras de Ref…
6.239 curtidas

Curtir Página Comprar agora

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

ANEXO VIII– Sinopse de A arte de mandar em português

Lexikon | *obras de referência*

Início Catálogo Lançamentos Onde encontrar Evento Busca ...

A arte de mandar em português

Estudo sintático-estilístico baseado em autores portugueses e brasileiros

A arte de mandar em português, do professor lusitano João Malaca Casteleiro, que encontrava-se inédito até então, foi inicialmente apresentado em 1961 como dissertação de licenciatura em filologia românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O trabalho, orientado por Luís Filipe Lindley Cintra, Jacinto do Prado Coelho e Maria de Lourdes Belchior Pontes, atendia pelo título "A expressão da ordem na língua portuguesa do século XX. Estudo sintático-estilístico baseado em autores portugueses e brasileiros".

Convidado pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim para o concurso do Instituto Politécnico de Macau, em agosto de 2011, participou do seminário comemorativo do cinquentenário do primeiro curso de licenciatura em português de toda a China, em que apresentou sua dissertação de licenciatura. Esta bem acolhida pelos participantes, na sua grande maioria professores de português, os quais incentivaram sua publicação, graças a seu caráter atual e sua contribuição para o conhecimento e ensino dos atos de fala diretivos, no domínio da expressão da ordem.

A arte de mandar trata sobretudo de uma reinterpretação das antigas categorias e classes gramaticais, em função do valor que têm na frase. Consideremos o seguinte exemplo: encontram-se várias pessoas reunidas; uma delas prepara-se para cantar, mas as restantes continuam a falar; um dos ouvintes impõe-se e grita:

" – Silêncio! Vai tanger a lira do poeta." (Conde Barão, 42)

Em que classe gramatical deveremos agrupar aquela forma "Silêncio!", que traduz neste caso uma "ordem"? A gramática tradicional ou a considera entre os substantivos ou a inclui, única e simplesmente, entre as interjeições, contudo, tal expressão não cabe nem numa nem noutra classe de palavras, e sim nas duas ao mesmo tempo. Consideremos, então, a expressão como um nome interjecional, de caráter ativo, equivalente a uma verdadeira frase, sendo ela própria o predicado.

Mas se a compararmos com as interjeições propriamente ditas, tais como *schiu*, *psi* etc., notamos logo uma grande diferença: enquanto estas estão desprovidas de qualquer conteúdo significativo, apenas adquirido de acordo com as circunstâncias, aquela evoca sempre um significado e associa-se à ideia de "estar calado", de "ausência de ruídos".

Orientados pelo ponto de vista funcional e pelas variadas formas de expressão linguística, verificaremos que o domínio da linguagem ativa ultrapassa em muito o plano gramatical do imperativo e do vocativo.

A Lexikon Editora publica *A arte de mandar em português* com o objetivo de mostrar a riqueza de formas de que dispõe a língua portuguesa para expressar a noção da ordem, buscando apoio teórico e documental fornecidos por textos literários de autores portugueses e brasileiros.

Autor: João Malaca Casteleiro
ISBN: 978-85-8300-006-8
Gênero: Linguística
Páginas: 272
Formato: 13,8 x 21 cm
Preço: R$ 59,00

COMPRAR

vendas@lexikon.com.br

Não há comentários, seja o primeiro a comentar

Nome (necessário)

E-mail (necessário)

Website

TÓPICOS RECENTES

- Nova gramática para concursos – Sumário
- Thesaurus essencial – uso em sala de aula
- Manual da boa escrita – Diário Catarinense
- Aulete Digital fora do ar
- Oficina de Escrita Criativa

LEXIKON NO FACEBOOK

Lexikon Obras de Ref...
6.239 curtidas

Curtir Página Comprar agora

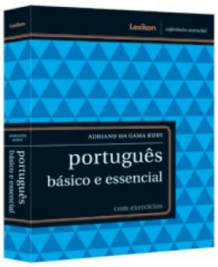
Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

ANEXO IX– Sinopse de Português básico e essencial

Lexikon | *obras de referência*

Início Catálogo Lançamentos Onde encontrar Evento Busca ...

Português básico e essencial



Português básico e essencial é um manual, acessível e prático, para aqueles que desejam se instruir sobre as noções básicas da língua portuguesa. Nele, o professor Adriano da Gama Kury ensina as primeiras noções de sintaxe, fonética e fonologia, e as regras essenciais de ortografia e morfologia, visando a familiarizar o leitor com a modalidade culta da língua, necessária tanto em sala de aula quanto em situações do cotidiano e em atividades profissionais.

A obra conserva a estrutura de uma gramática elementar completa, e apresenta mais de 200 exercícios variados, uma antologia com textos de escritores conhecidos anotados e comentados, um glossário de palavras de classificação variável ou difícil e um "pequeno dicionário" com definições singelas e acessíveis, sinônimos e antônimos.

Elaborados com cuidado meticuloso, os exercícios têm função de fixação e de verificação, e são acompanhados de exercícios de revisão gramatical e de aquisição de vocabulário, bem como sugestões de redações.

Os textos assinados por autores como Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Rubem Braga e Graciliano Ramos reforçam o objetivo de atender às necessidades de alunos e professores do ensino fundamental e médio e de incitar o gosto pela boa leitura. Os alunos poderão, com a orientação de seus professores, exercitar a compreensão dos textos por meio dos exercícios, o que contribuirá para a construção da boa expressão oral e escrita.

Português básico e essencial é um instrumento compacto e completo de grande valor para o desenvolvimento da intimidade do aluno com a língua e para a naturalização de seu uso no dia a dia, dentro e fora da sala de aula, finalidade fundamental do ensino da língua portuguesa.

Autor: Adriano da Gama Kury
ISBN: 978-85-8300-001-3
Gênero: Obras de referência e referência essencial
Páginas: 368
Formato: 11 X 15 cm
Preço: R$ 30,00

» COMPRAR

Não há comentários, seja o primeiro a comentar

Nome (necessário)

E-mail (necessário)

Website

Enviar

TÓPICOS RECENTES

- Nova gramática para concursos – Sumário
- Thesaurus essencial – uso em sala de aula
- Manual da boa escrita – Diário Catarinense
- Aulete Digital fora do ar
- Oficina de Escrita Criativa

LEXIKON NO FACEBOOK

Lexikon Obras de Ref...
6.239 curtidas

Curtir Página Comprar agora

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

ANEXO X– Sinopse da Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão

Ateliê Editorial
(http://www.atelie.com.br/)

(https://www.facebook.com/atelieeditorial/)

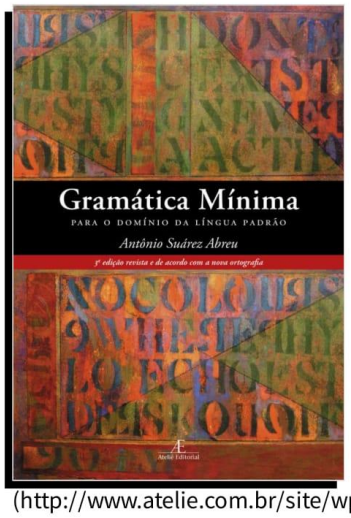
(https://twitter.com/atelieeditorial/)

Pesquisar produtos… Pesquisar

HOME (HTTP://WWW.ATELIE.COM.BR/) LIVROS ÍNDICES CATEGORIAS

COLEÇÕES LOJA 0 ÍTENS - R$0,00 (HTTP://WWW.ATELIE.COM.BR/LIVROS/)

Início (http://www.atelie.com.br) / Livros (http://www.atelie.com.br/publicacoes/livros/) / Catálogo (http://www.atelie.com.br/publicacoes/livros/catalogo/) / Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão



(http://www.atelie.com.br/site/wp-content/uploads/2016/02/616_1-1.jpg)

Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão

R$56,00

Antônio Suaréz Abreu elaborou esta gramática para esclarecer os porquês da língua portuguesa. Ao contrário de muitas das obras similares, a *Gramática Mínima* traz um texto simples e direto, sem dogmatismos nem memorizações desnecessárias. Conciso sem ser superficial, este é um volume prático de consulta para quem trabalha diariamente com o português oral ou escrito.

Log-in

Clique aqui (http://atelie.com.br/site/m conta/) para fazer seu log-in.

Buscar produtos

Pesquisar produtos… Pesquisar

Categorias

Arquitetura e Artes (http://www.atelie.com.br/p e-artes/)

Biografias e Memórias (http://www.atelie.com.br/p e-memorias/)

Ciências e Humanidades

ANEXO XI[13]– Sinopse de Para uma nova gramática do português

Imprimir Compartilhar:

Para uma nova gramática do português

Aplicação: Formação de Educadores - Linguagens e códigos

Autor:
Mário A. Perini

Ruim com ela, difícil sem ela. Essa é muitas vezes a conclusão a que chegam os críticos da gramática tradicional, quando se descobrem desarmados diante da necessidade de apresentar alternativas viáveis para um conhecimento por muitos considerado ultrapassado, incoerente e exageradamente simplista. Nesse volume, o professor Mário A. Perini, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, aponta as grandes linhas de uma linguagem gramatical capaz de expressar alguns dos resultados da pesquisa linguística atual relativa à análise do português. E explica de forma clara esses princípios, aplicados por ele a uma gramática do português intitulada Modern portuguese: a reference grammar, publicada pela Yale University Press. Ao evitar o uso da terminologia nova, que dificulta a leitura para os não iniciados, o autor presta valiosa contribuição ao debate sobre o ensino do português.

Recolher

Livro impresso

Aplicação

Formação de Educadores - - Linguagens e códigos - Língua portuguesa

Dados técnicos (versão impressa)

ISBN: 9788508109494
Formato: 12 x 18
Edição: 11
Ano da edição: 0
Páginas: 94

Sofrendo a gramática

Mário A. Perini

Gramática descritiva do português

Mário A. Perini

Bri Bri no canto do parque

Carlos Ávila

[13]Disponível em: http://www.atica.com.br/SitePages/Obra.aspx?cdObra=308&Exec=1 1/

ANEXO XII– Sinopse da Nova gramática do português brasileiro

(http://editoracontexto.com.br/novo-acordo-ortografico-da-lingua-portuguesa-o.html)
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, O (HTTP://EDITORACONTEXTO.COM.BR/NOVO-ACORDO-ORTOGRAFICO-DA-LINGUA-PORTUGUESA-O.HTML)
1 comentário(s)
R$23,00

(http://editoracontexto.com.br/sentido-e-significacao.html)
SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO (HTTP://EDITORACONTEXTO.COM.BR/SENTIDO-E-SIGNIFICACAO.HTML)
R$79,90

(http://editoracontexto.com.br/lingua-falada-no-ensino-de-portugues-a.html)
LÍNGUA FALADA NO ENSINO DE PORTUGUÊS, A (HTTP://EDITORACONTEXTO.COM.BR/LINGUA-FALADA-NO-ENSINO-DE-PORTUGUES-A.HTML)
R$26,25 ~~R$35,00~~

(http://editoracontexto.com.br/portugues-da-gente-o.html)
PORTUGUÊS DA GENTE, O (HTTP://EDITORACONTEXTO.COM.BR/PORTUGUES-DA-GENTE-O.HTML)
R$49,90

(http://editoracontexto.com.br/formacao-e-classes-de-palavras-no-portugues-do-brasil.html)
FORMAÇÃO E CLASSES DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL (HTTP://EDITORACONTEXTO.COM.BR/FORMACAO-E-CLASSES-DE-PALAVRAS-NO-PORTUGUES-DO-BRASIL.HTML)
1 comentário(s)
R$23,00

FICHA TÉCNICA | AUTORES | COMENTÁRIOS | SAIU NA IMPRENSA | VÍDEO / ÁUDIO

ISBN	978-85-7244-462-0
Formato	17,5 x 24,5
Peso	1.412 kg
Acabamento	Capa dura
Páginas	768

Downloads

A *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba Castilho, não é "mais uma gramática", por vários e bons motivos: em vez de ser uma gramática da língua portuguesa, assume ser a gramática do português falado por quase 200 milhões de indivíduos no Brasil; é a obra da vida de um dos mais importantes linguistas que o país já produziu, Ataliba Castilho, da USP, Unicamp, pesquisador do CNPq, consultor do Museu da Língua Portuguesa, líder de importantes equipes que vêm mapeando a fala brasileira. Não por acaso a Fapesp associa-se a esta edição, dando-lhe seu aval.

O livro procura dotar os brasileiros de um certificado a mais à sua identidade. Não se trata de um certificado qualquer, pois é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro. Faltava clarificar a gramática do português brasileiro, para dar status científico a essa percepção. é o que se faz neste livro, fruto de cinquenta anos de pesquisas, desenvolvidas nas três universidades oficiais paulistas e em várias universidades do exterior.

Essa não é uma gramática-lista, cheia de classificações, que começam pela Fonética, atravessam a Morfologia e perdem o fôlego na Sintaxe. Nessas gramáticas, não se vê uma língua, vê-se uma gramática. Nesta obra, o autor focalizou o que se esconde por trás das

classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos listados. Ultrapassa-se a barreira da descrição, encaminhando o olhar para o que ocorre também na linguagem mental, pré-verbal. Ultrapassa-se a fronteira da sentença, pois o trabalho tem início no texto.

Quando falamos ou quando escrevemos, uma intensa atividade é desencadeada em nossas mentes, com rapidez enorme, acionando-se quatro sistemas linguísticos ao mesmo tempo: o léxico, a semântica, o discurso e a gramática. Esses sistemas são articulados pelos princípios sociocognitivos que regem a conversação, a mais básica das atividades linguísticas. Esse livro foi concebido nos moldes da teoria multissistêmica, de cunho funcionalista-cognitivista, desenvolvida por seu autor. As gramáticas resultam habitualmente do trabalho individual, fundamentando-se na língua literária. Esta gramática tomou outro rumo. Os escritores não trabalham para nos abastecer de regras gramaticais. Eles exploram ao máximo as potencialidades da língua, segundo um projeto estético próprio. As regularidades que as gramáticas identificam devem fundamentar-se no uso comum da língua, quando conversamos, quando lemos jornais, como cidadãos de uma democracia. Isso não exclui a fruição das obras literárias, mas é uma completa inversão de propósitos tomá-las como fundamento para a descrição de uma língua. Por outro lado, as línguas são tão complexas, que é impossível trabalhar solitariamente em sua análise. Levando isso em conta, os linguistas brasileiros conceberam a partir da década de 1970 grandes projetos coletivos, nos quais o autor se envolveu. Essa gramática dá voz a esses pioneiros de uma nova forma de produzir ciência. Suas pesquisas foram filtradas nessa gramática a partir de uma ótica própria, propondo seguidamente ao leitor que se envolva nas pesquisas, transformando-se no linguista-gramático dele mesmo.

As gramáticas habitualmente assumem o "estilo-revelação": uma afirmação é feita, o gramático se transforma numa espécie de Moisés que desce dos altos montes e revela aos povos estupefatos... o que está certo e o que está errado em sua linguagem! *A Nova gramática do português brasileiro* se afastou desse tom monológico, optando por um diálogo em que se sucedem dois textos articulados, um expositivo, e outro indagativo. Na exposição, fala o autor, interpretando os achados da ciência atual. Nas indagações, falam os leitores, por meio das perguntas que se imagina que eles formulariam.

APROVEITE E COMPRE JUNTO

NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO + GUIA PRÁTICO DA NOVA ORTOGRAFIA

~~R$98,90~~ **R$74,17**

Comprar (http://editoracontexto.com.br/checkout/ca

Indisponível

NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO + PEQUENA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

~~R$144,90~~ **R$108,67**

Comprar (http://editoracontexto.com.br/checkout/ca

ASSINE NOSSA NEWSLETTER, É GRÁTIS!

Fique por dentro dos nossos lançamentos, promoções, eventos e muito mais.

DIGITE SEU E-MAIL

ANEXO XIII – *Release*: Notícias da UFMG Professor lança segunda edição do livro 'Gramática nunca mais'

Universidade Federal de Minas Gerais

Conheça a UFMG
Informações institucionais e estrutura administrativa
Cursos
Cursos de Graduação, Pós-graduação, Extensão
Pesquisa
Programas e órgãos vinculados às atividades de pesquisa
Extensão
Programas e órgãos vinculados às atividades extensionistas
EAD
Cursos de ensino à distância
Programas
Programas e projetos especiais coordenados pela Reitoria
Serviços
Serviços oferecidos ao público externo e à comunidade UFMG
Notícias
Fatos e eventos que ocorrem na UFMG
Biblioteca
Sistema de Bibliotecas da UFMG, consultas, reservas, renovação
Vestibular
Informações sobre o vestibular
Mapa
Lista e estrutura de todo o site da UFMG
Inicial
Atalho para a primeira página do site
Contato
Fale com o Núcleo Web, jornalistas e o administrador da rede

Busca no site da UFMG Procurar

Professor lança segunda edição do livro 'Gramática nunca mais'

sexta-feira, 21 de outubro de 2011, às 7h03

Seguir @ufmgbr Recomendar 3 G+1 1
Curtir 92 mil

O professor Luiz Carlos de Assis Rocha, da Faculdade de Letras (Fale) da UFMG, lança nesta sexta-feira, 21, no campus Pampulha, o livro *Gramática nunca mais 2*. A obra contém 270 exercícios que servem de base para professores de Português estruturarem suas aulas e ensinarem a disciplina sem precisar da gramática. O livro é dirigido também para pessoas que querem assimilar a língua padrão sem ter que usar a gramática.

O lançamento terá início às 19h30, na sala 2002 da Fale. O autor fará palestra sobre sua teoria antes de autografar os livros. A publicação é da Comunicação de Fato Editora.

Dividido em 32 capítulos, o livro traz modelos de exercícios sobre acentuação de palavras, emprego do hífen, pontuação, crase, conjugação de verbos e também verbos complexos, denominados pelo autor como sendo verbos "com dupla personalidade", entre outros temas.

Em 2002 o professor de Língua Portuguesa e Linguística lançou *Gramática nunca mais – O ensino da língua padrão sem o estudo da gramática*, no qual apresentava alternativa ao estudo da língua sem o jugo da gramática, mas que trazia poucos exemplos de exercícios relativos à teoria. O novo volume permite operacionalizar o conteúdo do volume I.

"'E agora, como vamos dar aula?' era a pergunta dos professores após a leitura do livro ou ao final das minhas palestras. Eles agora podem usar as atividades propostas e sugerir outras a partir delas. Não basta dizer que a gramática é ruim, é preciso propor um método que substitua seu uso", afirma o professor. Ele salienta que não é necessário ler o primeiro livro para entender o segundo, pois os capítulos trazem breves explicações. Além disso, na introdução ele resume a teoria exposta no primeiro livro.

Gramática nunca mais 2 apresenta o estudo do Português de forma atraente e provocativa, com desafios e o estímulo a aprender fazendo. Luiz Carlos Rocha exalta a importância da presença do professor. "Sua atuação é fundamental para explicar, orientar, esclarecer e, principalmente, para corrigir os exercícios."

O autor defende que o Português deve ser aprendido através da prática de exercícios. "99% dos brasileiros não sabem o que é uma oração coordenada sindética e nem distinguir um sujeito indeterminado de uma oração sem sujeito", ressalta. A ideia, segundo Rocha, é o aluno chegar na sala de aula e fazer exercícios. "Não tem que ficar dando explicação. O aluno já sabe o Português, já tem a gramática internalizada e só tem que adaptá-la ao dialeto padrão. No livro há muitos exercícios, por exemplo, sobre tempos verbais, só acho que não precisa ficar decorando a nomenclatura. Defendo que a gramática seja estudada profundamente no curso superior de Letras. Ela só faz sentido para linguistas e gramáticos", aponta.

O autor

Luiz Carlos de Assis Rocha fez doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação da professora Margarida Basílio. Em decorrência desse doutorado, publicou o livro Estruturas morfológicas do Português, em que aborda os problemas da morfologia do idioma sob o ponto de vista da gramática gerativa. O autor foi também professor da rede estadual de ensino de Minas Gerais, nos cursos fundamental e médio, por mais de 20 anos.

(Com assessoria de imprensa da Comunicação de Fato Editora)

ANEXO XIV – *Release* da Gramática do português brasileiro

Rua Sussuarana, 216 | Alto do Ipiranga
04216-060 | São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262
www.parabolaeditorial.com.br

press release

Chega ao mercado editorial a primeira Gramática do português brasileiro publicada no Brasil

GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

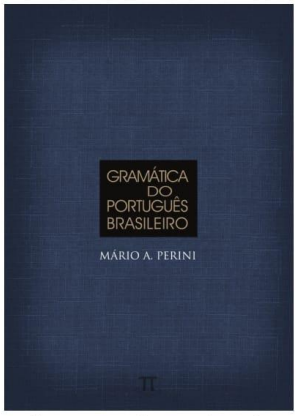
POR MÁRIO A. PERINI

O autor receberá no dia 04 de abril de 2010 a Medalha Isidoro de Sevilha, concedida pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, que homenageia o intelectual que mais contribuiu com estudos linguísticos no país.

Nas aulas de gramática, decoramos resultados, sem cogitar do método que levou à obtenção desses resultados. A aula de gramática não comporta perguntas embaraçosas, referentes a comos e por quês que não constam do livro adotado. O professor nunca precisa justificar a análise que ensina, tem apenas que reproduzi-la tal como a encontrou na bibliografia.

Nas aulas de gramática, *não* se *aprende gramática*, não se estuda gramática. Alunos (e os professores, que também são vítimas do sistema) não sabem gramática, não se interessam por gramática, detestam a gramática.

O estudo de gramática, tal como praticado atualmente, contribui para a **analfabetização** científica dos estudantes: por fornecer resultados sem focalizar os métodos de obtê-los; por, muitas vezes, lidar com dados fictícios (como quando se diz que a frase *me dá ele aí* "não existe"); por desencorajar a dúvida e o questionamento; por encorajar a crença acrítica em doutrinas aprendidas, mas não justificadas.



lançamento nacional
4 de abril de 2010

Diante desse cenário, detectamos a necessidade urgente de gramáticas atualizadas em todos os níveis.

A *Gramática do português brasileiro*, de Mário A. Perini, é a primeira gramática do português brasileiro a ser publicada no Brasil – e a segunda no mundo, depois de outra obra também de autoria de Perini, *Modern Portuguese – A Reference Grammar*, publicada em 2002 pela Yale University Press. Em *Gramática do português brasileiro*, Perini elabora uma descrição em nível universitário do português falado no Brasil destinada a alunos e professores de letras, assim como a professores de línguas de todos os níveis. Em breve, esperamos, estarão disponíveis textos e exercícios que sigam a perspectiva aqui adotada, destinados aos alunos de ensino médio e fundamental I e II, dentro dos objetivos que se aplicam ao ensino de gramática nesses níveis.

A *Gramática do português brasileiro* está adaptada aos interesses e necessidades do leitor brasileiro e assume uma atitude inovadora quando comparada com os estudos gramaticais tradicionais. A ênfase aqui está posta na sintaxe e na semântica da oração, porque essas são áreas particularmente carentes no momento, além de serem aquelas em que o autor vem trabalhando intensivamente. Mas também são estudadas duas outras áreas importantes: a morfologia e a fonologia.

É perfeitamente possível elaborar uma gramática da língua falada — e essa gramática é tão rica e complexa, e tão interessante, quanto a da língua padrão. Em vez de eliminar pura e simplesmente o estudo de gramática na escola, é preciso redefini-la em termos de formação científica. Só assim essa disciplina — parte essencial do estudo da linguagem, o mais importante dos fenômenos sociais — poderá dar sua contribuição à alfabetização científica nossa e de nossos alunos.

Parece muita coisa a fazer, e é; parece difícil, e é; e talvez fique caro. Mas não se faz educação com soluções fáceis e baratas.

O AUTOR

Mário Alberto Perini é graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1967), fez o doutorado na University of Texas (1974). Atualmente é professor voluntário da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido professor na UFMG, na PUC-Minas, na UNICAMP e nas universidades de Illinois e Mississípi. Atua na subárea de teoria e análise linguística, com concentração em português brasileiro falado, sintaxe, ensino de português e gramática de construções. Além destes *Estudos de gramática descritiva — as valências verbais*, é autor, na Parábola Editorial, das seguintes obras: *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios* (2008[3]), *Princípios de linguística descritiva* (2007[2]) e *Estudos de gramática descritiva* (2008).

SERVIÇO:
Mário A. Perini, *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
ISBN: 978-85-7934-004-8
FORMATO: 17x24cm
CAPA FLEXÍVEL
PÁGINAS: 368
PREÇO: R$50,00
INFORMAÇÕES: Andréia Custódio - fone: [11] 5061-9262 | 9956-7073
e-mail: imprensa@parabolaeditorial.com.br